



Poesia e Prosa

CADERNO DE ATIVIDADES 2

Heloisa Maria Murgel Starling
Danilo Araujo Marques
ORGANIZADORES

Projeto República
Belo Horizonte
2018

Poesia e Prosa

CADERNO DE ATIVIDADES 2

Resumos,
atividades propostas
e conceitos



Poesia e Prosa

CADERNO DE ATIVIDADES 2

Resumos,
atividades propostas
e conceitos

Heloisa Maria Murgel Starling

Danilo Araujo Marques

ORGANIZADORES

Projeto República

Belo Horizonte

2018

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor Jaime Arturo Ramirez

Vice-Reitora Sandra Regina Goulart Almeida

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Diretor Orestes Diniz Neto

Vice-Diretor Bruno Pinheiro Wanderley Reis

***Sentimentos do Mundo Maria Bethânia* | UFMG (2005)**

COORDENAÇÃO Patrícia Kauark Leite

***Caderno de Poesias* | Editora UFMG (2015)**

IDEALIZAÇÃO DO PROJETO

Maria Bethânia

Heloisa Maria Murgel Starling

Wander Melo Miranda

Gringo Cardia

***Caderno de atividades* | Editora UFMG (2016)**

IDEALIZAÇÃO DO PROJETO

Mônica Monteiro

Ana Basbaum

Heloisa Maria Murgel Starling

***Poesia e prosa com Maria Bethânia* | Projeto República/UFMG (2017)**

IDEALIZAÇÃO DO PROJETO

Heloisa Maria Murgel Starling

Marcela Telles Elian de Lima

Cláudia Ramalho

Maria Beatriz Garotti

***Poesia e prosa 2* | Projeto República/UFMG (2018)**

IDEALIZAÇÃO DO PROJETO

Heloisa Maria Murgel Starling

Danilo Araujo Marques

Cláudia Ramalho

Maria Beatriz Garotti

Coordenação de pesquisa

Heloisa Maria Murgel Starling

Projeto República

Núcleo de Pesquisa, Documentação e Memória | UFMG

Bárbara de Oliveira Ahouagi

Danilo Araujo Marques

José Antônio de Souza Queiroz

Maria Cecília Vieira de Carvalho

Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Pauliane de Carvalho Braga

Pesquisa iconográfica

Bárbara de Oliveira Ahouagi

Danilo Araujo Marques

José Antônio de Souza Queiroz

Maria Cecília Vieira de Carvalho

Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Pauliane de Carvalho Braga

Seleção de trechos

Danilo Araujo Marques

José Antônio de Souza Queiroz

Maria Cecília Vieira de Carvalho

Pauliane de Carvalho Braga

©2018, Heloisa Maria Murgel Starling, Danilo Araujo Marques

©2018, Projeto República núcleo de pesquisa, documentação e memória/UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

P745 Poesia e prosa [recurso eletrônico] : cadernos de atividade 2: resumos, atividades propostas e conceitos / Heloisa Maria Murgel Starling, Danilo Araújo Marques organizadores. -- Belo Horizonte : Projeto República/UFMG, 2018.

1 recurso online: pdf

ISBN: 978-85-93606-01-4

1. Suassuna, Ariano, 1927-2014.. 2. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. 3. Moraes, Vinicius de, 1913-1980.. 4. Salomão, Waly, 1943-2003. 5. Poesia brasileira. 8. Literatura brasileira. 9. Material didático. 10. Música popular – Brasil. I. Starling, Heloisa Maria Murgel. II. Marques, Danilo Araújo.

CDD: B869.1

CDU: 869.0(81)-1

Biblioteca Professor Antônio Luiz Paixão – FAFICH

PREPARAÇÃO DE TEXTOS: ...

REVISÃO DE PROVAS: ...

PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO Rafael Chemicatti

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
A senha do mundo.
Vou procurá-la.

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

Apresentação 9

Ariano Suassuna

Pauliane de Carvalho Braga

Perfil biográfico 11

Uma reza sertaneja: religiosidade popular

na obra de Ariano Suassuna 13

Em busca da arte popular 15

Reino do Sertão Encantado 18

Um amor armorial 22

Atividades propostas 26

Obras completas 33

Para saber mais 34

Carlos Drummond de Andrade

José Antônio de Souza Queiroz

Perfil biográfico 35

O tempo é minha matéria 37

Uma rua que começa em Itabira

e dá em qualquer ponto da Terra 49

A estranha ideia de família, viajando através da carne 60

O amor é isso que você está vendo 71

Poesia ao rés-do-chão 83

Atividades propostas 98

Obras completas 116

Para saber mais 118

Vinicius de Moraes

Danilo Araujo Marques

Perfil biográfico 119

Meu tempo é quando: as personas poéticas

de Vinicius de Moraes 121

A noite como momento erótico da criação 128

O mar é rua; a praia, encruzilhada: o poeta e a cidade 135

Entre a paixão profana e o amor divino:

a utopia do amor total em Vinicius de Moraes 147

“Mas quem é essa misteriosa?”:

a mulher na poesia de Vinicius de Moraes 163

Atividades propostas 176

Obras completas 197

Para saber mais 198

Waly Salomão

Maria Cecília Vieira de Carvalho

Perfil biográfico 199

Rebelde da forma e da arte 201

Uma escrita que nasce da ironia 205

Ecos e vozes: um poeta polifônico 211

Atividades propostas 217

Obras completas 227

Para saber mais 228

Obras consultadas 229

Referências bibliográficas 232

Sobre os autores 236

Sobre o Projeto República 238

Sobre o SESI 240

Apresentação

O livro *Poesia e prosa: caderno de atividades 2: resumos, atividades propostas e conceitos* reúne canções, trechos de poemas e textos em prosa de autoria de quatro importantes escritores, poetas e compositores brasileiros: Ariano Suassuna, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Waly Salomão.

Estes autores contribuíram, cada um a seu modo, para a compreensão da sociedade brasileira: com um olho nos seus problemas e dilemas, mas com outro em suas potências e possibilidades. São reconhecidos como nomes essenciais ao processo de formação das matrizes literárias da imaginação cultural brasileira, e, não por acaso, como que se tornaram intérpretes de diferentes modos de sentir e pensar o país – e nele atuar. Contudo, esses autores ainda são pouco discutidos e analisados para além da área de conhecimento de Literatura e Artes e do fato literário que representam – estão, por assim dizer, isolados do público em geral por um muro protetor de erudição universitária. Um dos propósitos deste livro é romper com essa barreira.

Poesia e prosa: caderno de atividades 2: resumos, atividades propostas e conceitos busca fornecer ao professor de ensino médio das unidades educacionais SESI apenas uma breve introdução ao vasto universo

destes autores, a partir de uma seleção de trechos de seus trabalhos que ofereça pontos importantes para compreensão de suas respectivas obras. Visa, dessa forma, a contribuir para a divulgação da poesia escrita e cantada pelas salas de aula de todo o Brasil.

A linha narrativa de *Poesia e prosa* procura identificar – ou sugerir – continuidades temáticas entre as obras de cada autor. Essas continuidades estão organizadas a partir do levantamento, identificação e seleção de fragmentos dos romances, poemas e canções dos escritores. Dessa forma, a narrativa do livro combina conceitos, temas e interpretação. E está ancorada em fontes de natureza diversa: documentais, impressas, sonoras, biográficas e iconográficas.

Levar para a sala de aula – e, desse modo, dar a conhecer para toda uma geração que já nasceu imersa na cultura digital – trechos de obras literárias como *O romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, ou mesmo da extensa produção poética de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Waly Salomão é parte da tarefa da universidade pública. Significa criar ferramentas de aprendizado e divulgação da cultura brasileira a partir de um programa de integração dos saberes. Certa vez, Mario Quintana – também ele um poeta – afirmou que abrir um livro de poesia é como abrir uma janela para o mundo. Essa é a tarefa do livro que o leitor tem em mãos: abrir janelas para que o mundo possa, de fato, entrar – com todas as suas possibilidades e oportunidades – em nossas salas de aula.

Os organizadores

Ariano Suassuna

(1927-2014)

Perfil biográfico

Magro e alto, com uma personalidade atraente e carismática, o paraibano Ariano Villar Suassuna estava sempre pronto a uma piada, ou para uma tirada cortante. Nascido no vilarejo de Nossa Senhora das Neves (hoje João Pessoa), em 16 de junho de 1927, começou cedo, ainda em 1945, a se dedicar à literatura. Escrevendo poesias, em um primeiro momento, logo passou à escrita de peças teatrais e romances. A obra de Ariano Suassuna possui, desde os primeiros escritos, certa coerência narrativa e temática que se articula em três eixos problemáticos principais: a família, o sertão e a cultura popular. Essa última, em especial, foi encarada por Suassuna como alicerce da identidade nacional e, por isso, digna do engajamento do autor.

Para proporcionar o desenvolvimento da arte popular, Ariano Suassuna assumiu o papel de intelectual público, e passou a atuar junto a instituições federais e municipais. Entre 1969 e 1974, assumiu a direção do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco; entre 1975 e 1977, atuou como Secretário de

Educação e Cultura de Recife, cargo que voltaria a ocupar em 1987. Em seus postos oficiais, Ariano Suassuna conseguiu os meios para realizar uma verdadeira revolução cultural na região. Proporcionou a poetas, músicos, escritores, pintores, homens de teatro, ceramistas, bailarinos, condições para que pudessem se expressar. Dentre seus maiores projetos, citamos o Movimento Armorial, lançado em 1970, que reunia artistas das mais distintas áreas, com o objetivo comum de pesquisar, recuperar e reinterpretar as manifestações artísticas populares. Em uma boa definição sobre si mesmo, Ariano Suassuna afirmava: “Tenho espírito público; [...] tenho obrigação de indicar caminhos brasileiros no maior número de campos artísticos que me seja possível”.

Ariano Suassuna tinha uma boa razão para se decidir a cursar a Faculdade de Direito. Quando chegou a hora de escolher a profissão, um jovem bem-nascido no Recife, tinha três opções: quem sabia fazer conta de somar, fazia engenharia; quem gostava de abrir barriga de lagartixa, fazia medicina; e quem não dava para nada fazia direito – e esse era o seu caso!



Uma reza sertaneja: religiosidade popular na obra de Ariano Suassuna

Há séculos, os sertões brasileiros foram povoados por peregrinos, beatos e conselheiros, homens simples que, em favor da fé, dedicavam suas vidas a levar a palavra de Deus aos mais recônditos lugares. Leigos, geralmente letrados, conheciam algo da Bíblia e, com alguma habilidade retórica, acabavam conquistando a admiração de sertanejos humildes. Com uma linguagem mais acessível que a adotada pelos clérigos da Igreja Católica – que não raro celebravam suas missas em latim –, esses “missionários” do sertão conseguiam conjugar os ensinamentos cristãos ao cotidiano sofrido daquela gente.

Por outro lado, num sertão onde a civilização passava ao largo, histórias sobrenaturais, superstições e crendices ganhavam foro de verdade. Nos sertões tudo era desconhecido – o mundo era uma vastidão, a natureza era indomável, e a ignorância generalizada. Não havia escolas, livros, hospitais, governo, nem lei. O que existiam eram as histórias contadas de pai para filho, e as pregações sobre céu e inferno. Desse cenário nasceria uma forma específica de religiosidade no sertão, uma fé popular que misturava de maneira orgânica os dogmas da Igreja Católica com as experiências de mundo do sertão.

Ariano Suassuna, sensível às diferentes formas da cultura popular, não tardou a perceber a importância dessa religiosidade na vida do sertanejo. Em suas obras, o escritor incorporou essa tradição através da advertência moralizante ao final dos textos, da relação informal e íntima entre seus personagens e os santos, com a presença constante e sagrada de Antônio Conselheiro e Padre Cícero. Também não deixou de criar paralelos entre a vida do sertanejo e a Bíblia, como na peça “O rico avarento”, uma referência direta ao Evangelho de São Lucas, sobre

o rico e o Lázaro; ou no “Auto da Compadecida”, quando umas das falas da cena em que o padeiro e sua mulher morrem (“E assim serão os dois numa só carne”), é, na verdade, uma citação do “Evangelho de São Marcos”.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971)

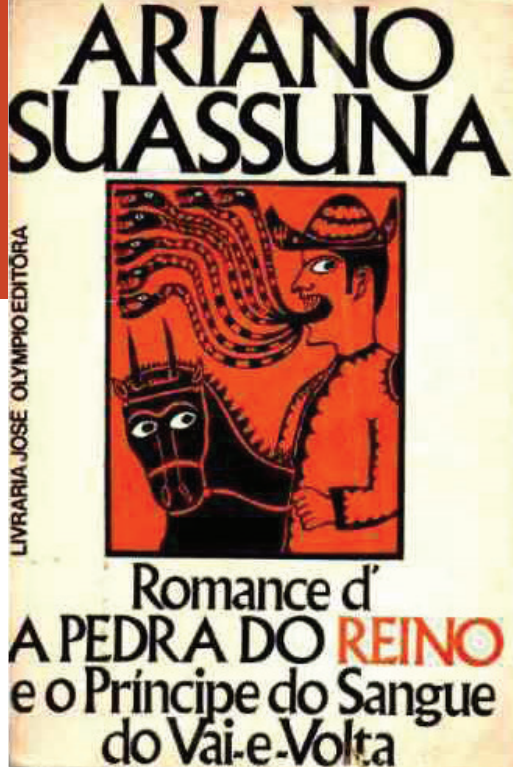
Eu sou devoto dele [Santo Antônio Conselheiro de Canudos, o Sertanejo] e de Padre Cícero, na minha qualidade de Profeta do Catolicismo sertanejo! [...] É a minha religião, Excelência!

Auto da Compadecida (1955)

Valha-me Nossa Senhora/ Mãe de Deus de Nazaré!
A vaca mansa dá leite/ a braba dá quando quer.
A mansa dá sossegada/ a braba levanta o pé.
Já fui barco, fui navio,/ mas hoje dou escaler.
Já fui menino, fui homem,/ só me falta ser mulher
Valha-me Nossa Senhora,/ Mãe de Deus de Nazaré.

*O Romance d'A Pedra do Reino
e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta.*
Ariano Suassuna. 1971.

“O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta” começou a ser escrito em 1958 e foi publicado apenas em 1971. O narrador protagonista dessa história é descendente de um líder messiânico cuja seita existiu entre 1835 e 1838 no nordeste do Brasil. Apesar dos vínculos com a realidade, a narrativa é povoada por seres fantásticos e mistura prosa e poesia.



Em busca da arte popular

Não raro, o termo “popular” (repleto de definições, como o que vem do povo, o que é amado pelo povo) é interpretado por um viés pejorativo, como algo de baixo valor. Nesse sentido, a criação artística popular foi, por séculos, considerada primitiva, arcaica. Ao combate dessa ideia, Ariano Suassuna dedicou sua vida enquanto intelectual público. Para o autor, a arte popular deveria ser considerada como qualquer outra forma artística, e por isso deveria ser apreciada de modo autônomo e independente de hierarquia social de valores estéticos.

Ao observar com mais cuidado as manifestações artísticas de sua região – os folhetos de cordel, a música de viola, rabeca ou pífano, os folguedos, o mamulengo, os desafios, as xilogravuras –, Ariano Suassuna descobriu uma fonte inesgotável de inspiração. Através do Movimento Armorial, iniciado em Pernambuco em 1970, o autor de “O santo e a porca” (1964), em companhia de artistas como Guerra Peixe, Francisco Brennand e Gilvan Samico, realizaram releituras das mais diferentes formas de arte popular. Seja através da citação, do plágio, da incorporação de temas e modelos poéticos, esses artistas recriaram determinadas tradições artísticas do nordeste, transformando-as em algo novo, também aberto à reelaboração, num ciclo infinito de retomadas e empréstimos.

Fundamental na obra de Suassuna, os temas presentes nos folhetos de cordel foram constantemente revisitados. Na peça teatral “Auto da compadecida” (1955), ele utiliza temáticas clássicas dos folhetos de cordel, como Nossa Senhora advogada dos homens (presente em “O castigo da soberba”, obra popular recolhida por Leonardo Mota); o animal que descome dinheiro (presente em “História do cavalo que defecava dinheiro”, também recolhida por Leandro Mota); e o enterro e testamento do cachorro (do cordel “O dinheiro”, de Leandro Gomes de Barros). Para além dos temas, também reproduziu o modelo poético dos cordéis, como podemos ver neste trecho de “Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971)

Ave Musa incandescente
do deserto do Sertão!
Forje, no Sol do meu Sangue,
o Trono do meu clarão:
cante as Pedras encantadas
e a catedral Soterrada,
Castelo deste meu Chão!

Nobres Damas e Senhores
Ouçam meu Canto espantoso:
a doida Desventura
de Sinésio, O Alumioso,
o Cetra e a sua centelha
na Bandeira aurivermelha
do meu Sonho perigoso!



Ilustração. *Bandeira da Onça*. Ariano Suassuna. 1971.

O tipográfico de Ariano Suassuna foi inspirado nos ferros com os quais os fazendeiros marcavam o gado. Cada marca identificava a fazenda e a família a qual o animal pertencia. Os traços eram compostos por grafismos retorcidos que produziram uma identidade visual bem particular. A ideia era criar uma “heráldica sertaneja” que representasse a identidade nacional, resultante da fusão das heranças negras, indígenas e portuguesas.

Reino do Sertão Encantado

Por muitos anos, Ariano Suassuna incorporou uma interpretação do Brasil realizada por seu “patrono”, Euclides da Cunha, que dividia o país em dois: um, oficial, da Rua do Ouvidor, centro da civilização cosmopolita e falsificada, e outro real, situado “no emblema bruto do sertão”. Suassuna também pretendeu construir, em sua obra, uma imagem desse Brasil real, através da fabricação de uma identidade cultural e histórica do espaço sertão. Seu sertão, de modo mais específico, é o nordeste, lido por ele como lugar do tradicional, construído a partir de uma visão sacramental da memória, mediante uma relação tensa

e inter cruzada das dimensões do real e do imaginário. É povoado pela fome, sede, doenças, mas também pela nobreza, honra, valentia.

Lançando mão do gênero epopeico, das estruturas narrativas míticas, do realismo mágico da literatura de cordel, o autor fez desse espaço um “reino embandeirado, épico e sagrado”. Nesse reino, o maravilhoso se mistura à mais cruel realidade e lhe dá sentido. No “Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, o pano de fundo é um evento histórico real, o movimento messiânico de Pedra do Reino, ocorrido entre 1836 e 1838, evocado pelo personagem principal, Quaderna, a fim de se filiar numa história de reis e rainhas legitimamente brasileira, escondida no meio do sertão.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971)

Tudo isso me ajudava, aos poucos, a entender cada vez melhor a história da Pedra do Reino e a me orgulhar da realeza e cavalaria dos meus antepassados. Tornava também o mundo, aquele meu mundo sertanejo, áspero, pardo e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-Acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. Minha vida, cinzenta, feia e mesquinha, de menino sertanejo reduzido à pobreza e à dependência pela ruína da fazenda do Pai, enchia-se dos galopes, das cores e bandeiras das Cavalhadas, dos

heroísmos e cavalarias dos folhetos. Assim, quando agora me acontecia evocar os acontecimentos da Pedra do Reino, o que eu via eram os Pereiras, como uma espécie de Cavaleiros Cristãos do Cordão Azul, assediando e assaltando o Reino criado e defendido pelos Reis Mouros do Cordão Encarnado da família Quaderna. Sonhava em me tornar, também, um dia, Rei e Cavaleiro, como meu bisavô.

(...)

Assim, aos poucos, ia se formando no meu sangue o projeto de eu mesmo erguer, de novo, poeticamente, meu Castelo pedregoso e amuralhado. Tirando daqui e dali, juntando o que acontecera com o que ia sonhando, terminaria com um Castelo afortalezado, de pedra, com as duas torres centradas no coração de meu Império. Este, espinhosos e meio adersado, era integrado astrológicamente por sete Ramos: o dos Cariris Velhos, o da Espinhara, o do Seridó, o do Pajeú, o de Canudos, o dos Cariris Novos e o do Sertão de Ipanema. Era o Quinto Império, profetizado por tantos Profetas brasileiros e sertanejos, e cortado por sete Rios sagrados: o São Francisco- Moxotó, o Vaza-Barris, o Ipanema, o Pajeú, o Taperóia-Paraíba, o Piancó- Piranhas e o Jaguaribe. Ali eu reergueria, sem perigo de vida, as Torres de lajedo do meu Castelo, para que ele me servisse de trono, de pedra-de-ara, de ninho de gaviões, onde eu pudesse respirar os ares das grandes alturas. Seria um Reino literário, poderoso e sertanejo, um Marco, uma Obra cheia de estradas empoeiradas, caatingas e tabuleiros espinhosos, serras e serrotes pedregentos, cruzada por Vaqueiros e Cangaceiros, que disputavam belas mulheres, montados a cavalo e vestidos de armaduras de couro. Um Reino varrido a cada instante pelo sopro sangrento do infortúnio, dos amores desventuras, poéticos e sensuais, e, ao mesmo tempo, pelo riso violento e desembandeirado, pelo pipocar dos rifles estralando guerras, vinditas e emboscadas, ao tropel dos.

cascos de cavalo, tudo isso batido pelas duas ventanias guerreiras do Sertão: o cariri, vento frio e áspero das noites de serra, e o espinhara, vento queimoso e abrasador das tardes incendiadas. Nas serras, nas caatingas e nas estradas, apareciam as partes cangaceiras e bandeirosas da história, guardando-se as partes da galhofa e estradeirice para os pátios, cozinhas e veredas, e as partes do amor e safadeza para os quartos e camarinhas do Castelo que era o Marco central do Reino inteiro

A Infância. Ariano Suassuna. 1983. Óleo, guache, nanquim sobre papel.

Nas décadas de 1980 e 1990 Ariano Suassuna mesclou à produção textual suas habilidades em desenho. Apropriando-se da estética das Iluminuras medievais produziu uma extensa série das denominadas *Iluminogravuras*.



Um amor armorial

Como bom leitor do Romanceiro Popular Nordestino, Ariano Suassuna não se furtou a escrever sobre o amor. Narrou o amor trágico em seu primeiro livro de prosa, “A história de Amor de Fernando e Isaura”, publicado em 1956. Recriação do mito celta de Tristão e Isolda, sua versão suprimiu episódios relacionados ao fantástico para centrar a narrativa na materialidade do amor entre o casal. O amor romântico, por sua vez, aparece sempre em referência à sua esposa, Zélia de Andrade Lima, com quem permaneceu casado por 57 anos.

Mas, foi o amor paterno a referência mais constante em sua obra. Seu pai, João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna, fazia parte da oligarquia rural da Paraíba, estado que governou entre os anos de 1924 a 1928. Com o acirramento das disputas políticas, que desencadeariam a Revolução de 1930, foi assassinado, neste mesmo ano, no centro do Rio de Janeiro. Apesar dos poucos anos de convívio com o pai, Ariano Suassuna o converteu em herói, rei do sertão. Em sua obra, a morte do pai representa o desejo de transmutação do real, de criação de um mundo mágico onde a dor fosse redimida, e que, ao mesmo tempo, expressasse para o mundo tamanha injustiça.

SELEÇÃO DE TRECHOS

A história de amor de Fernando e Isaura (1956)

(...) é que o amor humano, qualquer que seja ele, desata o coração dos que amam e, mesmo por vias tortas, aproxima-os de Deus.

A Zélia

É possível? Então não fomos feitos
somente para o amor e seus cuidados?
Então esse ouro puro,
essa chama e o temor inusitados,
o ressurgir da carne e do desejo
e sua transcendência
– ambos sagrados e ambos munidores
– do claro amor da vida e de seu sono –
tudo isso é sem retorno,
votado sem apelo à corrupção?
Temo o futuro, é certo, e o desafio.

A mulher e o reino

Oh! Romã do pomar, relva, esmeralda,
olhos de Ouro e azul, minha Alazã!
Ária em cordas de Sol, fruto de prata,
meu chão e meu anel , Céu da manhã!

Ó meu sono, meu sangue, dom e coragem,
água das pedras, rosa e belveder!
Meu candeeiro aceso da Miragem
meu mito e meu poder, minha Mulher!

Diz-se que tudo passa e o Tempo duro
tudo esfarela: o Sangue há de morrer!
Mas quando a luz me diz que esse Ouro puro

se acaba por finar e corromper,
meu sangue ferve contra a vã Razão
E pulsa seu Amor na escuridão!

Acauhan - a Malhada da Onça

Aqui morava um Rei, quando eu menino:
Vestia ouro e Castanho no gibão.
Pedra da sorte sobre o meu Destino,
Pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu Cantar era divino,
Quando, ao som da Viola e do bordão,
Cantava com voz rouca o Desatino,
O Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia,
eu me vi, como um Cego, sem meu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua Efégie me queima. Eu sou a Presa,
Ele, a Brasa que impele ao Fogo, acesa,
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.

Capa do LP *Quinteto Armorial do romance ao galope nordestino*, 1975.

O primeiro álbum do Quinteto Armorial foi um dos desdobramentos do Movimento Armorial idealizado por Ariano Suassuna, em 1970. O objetivo do movimento era dar visibilidade as criações nordestinas em variados campos da arte, promovendo a fusão entre o erudito e o popular.

Quinteto Armorial

Do romance ao galope nordestino



stanco

DISCO MARCELO PEREIRA
MPL 300

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Em entrevista ao “Jornal da Semana”, do Recife, em 1975, Ariano Suassuna definiu: “A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos ‘folhetos’ do Romanceiro Popular do Nordeste, com a música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus ‘cantares’, e com a xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados.”

Ariano idealizou e dirigiu o Movimento Armorial pensando na valorização da cultura popular. Para ele, isso significava mesclar essa cultura ao erudito. Pintura, gravura, cerâmica, dança, música, teatro, literatura, todas as manifestações expressivas possíveis eram de seu interesse. O movimento tinha a participação e colaboração de diversos artistas do Nordeste e agregava parte importante da cultura nacional.

- a) Mostre para a turma a imagem do alfabeto tipográfico criado por Ariano Suassuna, inspirados nos ferros com os quais os fazendeiros marcam o gado. Cada marca de ferro identificava a fazenda e a família à qual o animal pertencia. Os traços eram compostos por grafismos retorcidos que produziram uma identidade visual bem particular.



Tipografia criada
por Ariano Suassuna.

- b) Oriente cada aluno a criar um alfabeto considerando elementos visuais relacionados à sua família e história. Peça para traduzirem em formas gráficas, curvas ou detalhes que serão incorporados a cada letra.
 - c) Faça uma exposição dos resultados. Podem ser criados cartazes com frases temáticas para cada família tipográfica.
- 2.** Organize sessões de cinema para a turma, com os filmes *Os Trapalhões no Auto da Compadecida*, de 1987 (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-sx9jmGdLeU>) e *O auto da Compadecida*, de Guel Arraes, lançado em 2000 (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fl89Wr-HXP4>). Se achar interessante, apresente apenas os 30 minutos finais de cada um.
- a) Após exibir os trechos dos filmes, crie um espaço de debate comparando como os elementos de cultura popular são abordados em cada representação do texto de Ariano Suassuna.

- b) Organize a turma em cinco grupos e proponha aos alunos para que façam uma releitura teatral do julgamento de João Grilo, de forma livre e adaptada aos seus repertórios culturais. A intenção não é reproduzir literalmente os textos, mas repensar os elementos cênicos e o conteúdo a partir do contexto atual.
 - c) As apresentações podem ser feitas para toda a escola complementadas com uma roda de conversa comentando os resultados.
3. A obra de Ariano Suassuna permite-nos pensar na universalidade contida em cada identidade, especialmente a partir das múltiplas influências culturais de sua região. Em entrevista para o Instituto Moreira Sales, Suassuna comentou a obra do músico Chico Science e do Movimento Manguebeat:

Ele [Chico] foi me procurar dizendo: “Eu sou armorial.” Ele sabia que eu fazia certas oposições ao Movimento Mangue. Tinha restrições tremendas. O quê eu discordava era exatamente porque ele tentava fundir duas coisas de uma forma equivocada. Ele dizia que tentava valorizar o maracatu rural, por exemplo, através da junção com o rock. Eu gosto muito do maracatu rural – um dos títulos de que mais me orgulho na vida é o de Guerreiro e Rei da Honra do Maracatu Rural – e perguntei ao Chico Science: “No que uma coisa ruim como o rock pode valorizar uma coisa boa como o maracatu?” E completei: “Você está servindo de ponta-de-lança para os piores inimigos do Brasil, aqueles que tentam descaracterizar a nossa cultura. Mude o nome de Chico Science para Chico Ciência que eu subo no palco do seu lado”. Naturalmente, não se tratava apenas de mudar o nome, mas de mudar tudo o que estava por trás dele. Essa conversa foi presenciada por jornalistas e o Chico, quando saiu, disse aos repórteres: “Ele é um mestre que sabe de tudo

e tem razão”. Para mim, confessou: “Você tem razão, mas se eu mudar agora, serei esmagado”. E eu: “Bom, nesse caso, não está mais aqui quem falou, não quero isso para você”. Eu disse isso com sinceridade, até porque sabia do grande serviço que ele estava prestando a uma juventude que, por exemplo, nunca tinha prestado atenção no maracatu rural e por causa dele já começava a se interessar. O que não quer dizer que eu concordava com o projeto dele. (SUASSUNA, Ariano. Ao sol da prosa brasileira: entrevista. 10 de novembro de 2000. Instituto Moreira Sales, Cadernos de Literatura Brasileira, pag. 42)

Apesar do tom purista de Suassuna, a entrevista permite perceber como a cena cultural do Recife, na passagem do século XX para o XXI foi marcada por grande riqueza e caráter cosmopolita.

- a) Leia o texto acima para a turma e peça que pesquisem a obra de Chico Science e outros artistas pernambucanos que produzam obras de arte (teatro ou música) caracterizadas pela mescla entre distintos universos e influências com elementos dessa região do Brasil. A atividade pode ser feita em pequenos grupos que deverão apresentar os resultados da pesquisa para a turma, principalmente os sons e imagens encontrados.
- b) Após a apresentação, oriente um debate em torno da questão levantada por Ariano Suassuna à Chico Science: “No que uma coisa ruim como o rock pode valorizar uma coisa boa como o maracatu?” Por outro lado, tendo em vista o Movimento Armorial, proponha aos alunos um debate orientado pela pergunta: “No que a cultura erudita pode valorizar uma coisa boa como a cultura popular?”

4. A Literatura de Cordel, uma manifestação popular que reúne arte e literatura em um suporte impresso, inspirou Ariano Suassuna na produção de sua obra. Estes livretos são compostos por capas produzidas na técnica da xilogravura e com pequenos textos que abordam situações cotidianas, amorosas, políticas, sociais, econômicas em seu interior. São pendurados em barbantes (cordel) nas ruas das cidades para sua exibição e venda. Entre os principais nomes da xilogravura nordestina estão Manoel Serafim, Inocêncio da Costa Nick, o Mestre Noza, Zé Caboclo, Enéias Tavares Santos e J. Borges

LITERATURA DE CORDEL
**ARROCHO DA INFLAÇÃO
QUE FEZ O PLANO CRUZADO!**



Autor:

“Arrocho da inflação
que fez o plano cruzado!”.
Apolônio Alves.
Acervo: Cordelteca.

- a) Apresente aos alunos a literatura de Cordel. Chame a atenção para a importância da imagem da capa para a representação de seu conteúdo. Há exemplares disponíveis para download em domínio público nos links <https://canaldoensino.com.br/blog/40-livros-gratis-de-literatura-de-cordel> e http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Seca=65
 - b) Em parceria com o professor de arte e/ou literatura, organize a sala em 4 grupos e proponha que 2 deles produzam o miolo do livro, composto pela poesia, e os outros 2, as capas. Para que a dinâmica funcione, o grupo responsável pelo texto deve encaminhar seu trabalho ao que irá realizar a capa.
 - c) Após o término do trabalho, realize uma exposição nas dependências da escola, à maneira tradicional do cordel.
5. Em entrevista concedida para Agência Estado, em 2003, Ariano Suassuna declarou: “No meu caso, as artes plásticas são resultado da fonte literária”. Seu desenho nasce da imagem literária e tem papel subsidiário em relação à literatura. Do encontro das artes plásticas e da poesia o artista gestou a “iluminogravura”, mistura de iluminura e gravura. As iluminuras eram obras feitas durante a Idade Média, em mosteiros e conventos. “Depois dos 20 anos” afirma Suassuna, “descobri que não estava na Renascença, quando o papa sustentava o artista, que podia praticar duas ou três artes”. A literatura se destacou, mas o escritor nunca deixou de desenhar. (Ariano Suassuna revela seu talento de artista plástico. Agência Estado, 05 Dezembro 2003. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ariano-suassuna-revela-seu-talento-de-artista-plastico,20031205p580> Acesso em: 07 nov. 2017.)



O sol de Deus.
Ariano Suassuna.1983.
Óleo, guache, nanquim
sobre papel.

- O exercício adequado do desenho é algo pouco estimulado na sala de aula, alimentando a crença que esta técnica é algo restrito a poucos eleitos dotados de uma espécie de dom divino. Alguns cânones estéticos estabelecidos acabam por limitar as possibilidades de desenvolvimento do traço e do estudo criativo. Presente para a turma a produção de iluminogravuras de Suassuna e as soluções visuais escolhidas para suas palavras.
- Escolha com os alunos, dentre os trechos de obras disponíveis neste site (<http://letrasinversoreverso.tumblr.com/post/92807204997/quatro-iluminuras-de-ariano-suassuna-1-ariano>), de autoria de Ariano, um trecho para ser ilustrado por toda a turma.
- Para conclusão da atividade, promova uma exposição das ilustrações na escola.

OBRAS COMPLETAS

Peças teatrais

Uma mulher vestida de sol (1948)

Auto da compadecida (1957)

O casamento suspeito (1961)

O santo e a porca (1964)

A pena e a lei (1971)

Farsa da boa preguiça (1974)

A história do amor de Romeu e Julieta (1997)

Romances

Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta (1971)

História d'O rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da Onça Caetana (1976)

As infâncias de Quaderna (1977)

Fernando e Isaura (1994)

Poesia

Ode (1955)

Sonetos com mote alheio (1980)

Sonetos de Albano Cervonegro (1985)

PARA SABER MAIS

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. Campinas: São Paulo: Editora Unicamp, 1999.

SUASSUNA, Ariano. Almanaque armorial. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Carlos Drummond de Andrade

(1902-1987)

Perfil biográfico

As fotografias de Drummond dos tempos de sua juventude em Belo Horizonte na década de 1920 revelam um rapaz alto de corpo franzino, excessivamente magro. Sua elegância discreta era acentuada pelos ternos bem alinhados, quase sempre escuros e acompanhados pela gravata borboleta e pelo colarinho alto. O homem por trás do bigode era tímido e andava com as mãos pensas, sempre coladas na cintura. A seriedade de sua expressão era acentuada pelo rosto angular, boca fina e olhos azuis escondidos por trás dos óculos de aro redondo. Quase sempre usava chapéus bem feitos, cobrindo a vasta cabeleira escovada para trás – não anunciando, ainda, a calvície que o caracterizaria em poses mais conhecidas. Como revelam os biógrafos, o Carlos funcionário público, discreto e de existência miúda, vivia na sombra, em contraste com o Drummond poeta, tremendo e de alto coturno. A poesia de Drummond manifesta o estado de espírito desse “ser retorcido”, que se considerava um dessemelhante absoluto, criado

por um “anjo torto” para ser *gauche* na vida: em torno desse motivo está organizada sua experiência poética.

É a multiplicidade de temas e estilos um dos aspectos mais surpreendentes na obra de Carlos Drummond de Andrade, que consta mais de quarenta livros publicados. O poeta itabirano estreou em 1930 com o livro *Alguma poesia*, que causou um escândalo nos círculos literários por conta do verso livre e da atitude incendiária preconizada pelo modernismo. Os versos mais políticos e engajados do poeta estão concentrados em três livros, que correspondem ao período em que a Europa conheceu a Segunda Grande Guerra e o Brasil a face mais autoritária de Getúlio Vargas: *Sentimento do mundo* (1940), “José” (1942) e *A rosa do povo* (1945). No início dos anos 1950, flerta com o classicismo da geração de 45 – em especial com João Cabral de Melo Neto, produzindo livros, como o notável *Claro enigma* (1951) e *Fazendeiro do ar* (1954). Ao final da vida, o “poeta das sete faces” refaz o itinerário daquilo que não é mais, recuperando as memórias familiares dos tempos de Itabira, principalmente com a série *Boitempo* (1968-1973-1979). Mas também teve espaço para o amor, que apesar de atravessar toda sua obra, revela em sua dimensão erótica nos livros *Amar se aprende amando* (1985) e *O amor natural*, publicado postumamente em 1992.



Carlos Drummond de Andrade.
Rio de Janeiro. 1982. Coleção Particular Rogério Reis

No tempo da “madureza” Drummond se aventurou em um novo terreno, ainda pouco trabalhado em sua obra: a poesia erótica. O tema do amor se apresenta em seus versos de forma zombeteira, irônica, desordenada e imprevisível. Já em seus poemas eróticos, se transforma na revelação da eternidade através dos sentidos. O amor como a justa medida para todas as coisas.

O tempo é minha matéria

No início dos anos 1940, Carlos Drummond de Andrade tinha plena consciência de viver um momento único na história e que sua poesia deveria cantar o tempo presente. Essa reorientação nasceu do sentimento de medo que unificava o mundo naqueles anos, em que a Guerra estourava na Europa e os brasileiros viviam a ditadura do Estado Novo. Nessas circunstâncias, o poeta reconhece sua pequenez diante do “Mundo grande” e revela o desejo de dilatar-se, expandir-se em direção aos outros: “sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar

tudo isso / num só peito de homem... sem que ele estale”. Valorizando os laços de solidariedade e de comunhão entre os homens, o tema político e social apresenta-se em Drummond como a possibilidade de amar ao mundo, se enraizando resolutamente na vivência coletiva contemporânea em que a história não parece ter véspera e se torna pura atualidade: “O presente é tão grande, não nos afastemos. / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

SELEÇÃO DE TRECHOS

O medo

Em verdade temos medo.

Nascemos escuro.

As existências são poucas:

Carteiro, ditador, soldado.

Nosso destino, incompleto.

E fomos educados para o medo.

Cheiramos flores de medo.

Vestimos panos de medo.

De medo, vermelhos rios

vadeamos..

Somos apenas uns homens
e a natureza traiu-nos.
Há as árvores, as fábricas,
Doenças galopantes, fomes.

Refugiamo-nos no amor,
este célebre sentimento,
e o amor faltou: chovia,
ventava, fazia frio em São Paulo.

Fazia frio em São Paulo...
Nevava.
O medo, com sua capa,
nos dissimula e nos berça.

Fiquei com medo de ti,
meu companheiro moreno,
De nós, de vós: e de tudo.
Estou com medo da honra.

Assim nos criam burgueses,
Nosso caminho: traçado.
Por que morrer em conjunto?
E se todos nós vivêssemos?

Vem, harmonia do medo,
vem, ó terror das estradas,
susto na noite, receio
de águas poluídas. Muletas
do homem só. Ajudai-nos,
lentos poderes do láudano.
Até a canção medrosa
se parte, se transe e cala-se.

Faremos casas de medo,
duros tijolos de medo,
medrosos caules, repuxos,
ruas só de medo e calma.

E com asas de prudência,
com resplendores covardes,
atingiremos o cimo
de nossa cauta subida.

O medo, com sua física,
tanto produz: carcereiros,
edifícios, escritores,
este poema; outras vidas.

Tenhamos o maior pavor,
Os mais velhos compreendem.
O medo cristalizou-os.
Estátuas sábias, adeus.

Adeus: vamos para a frente,
recuando de olhos acesos.
Nossos filhos tão felizes...
Fiéis herdeiros do medo,

eles povoam a cidade.
Depois da cidade, o mundo.
Depois do mundo, as estrelas,
dançando o baile do medo.

Mundo grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
Por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos — voltarão?

Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração,
Só agora descubro
como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar.
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao
suicídio
Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.

Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
— Ó vida futura! nós te criaremos.

A flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias, espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.

Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.

Nenhuma carta escrita nem recebida.

Todos os homens voltam para casa.

Estão menos livres mas levam jornais

e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Canção amiga

Compositores: Milton Nascimento; Carlos Drummond de Andrade

Intérprete: Milton Nascimento

Data: 1978

Eu preparo uma canção
Em que minha mãe se reconheça
Todas as mães se reconheçam
E que fale como dois olhos

Caminho por uma rua
Que passa em muitos países
Se não se veem, eu vejo
E saúdo velhos amigos

Eu distribuo um segredo
Como quem ama ou sorri
No jeito mais natural
Dois carinhos se procuram

Minha vida, nossas vidas
Formam um só diamante
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas

Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças



1ª edição de *A rosa do povo*. 1945.

Foi com o lançamento de “A rosa do povo” em 1945 que Carlos Drummond de Andrade se consagrou como um dos mais importantes poetas sociais do Brasil. Essa mudança de postura do poeta em relação ao seu tempo se verifica por sua inquietude frente ao “mundo caduco”, devastado pela Segunda Grande Guerra. Como remédio, Drummond valoriza os laços de solidariedade e comunhão entre os homens, como uma possibilidade de amar ao mundo, se enraizando de forma mais resoluta na vivência coletiva contemporânea.

Uma rua que começa em Itabira e dá em qualquer ponto da Terra

Itabira se tornou uma entidade poética na obra de Carlos Drummond de Andrade. Uma presença de tal modo insistente que arrasta consigo o espírito do lugar, deixando a dureza mineral de suas ruas incrustada na alma do poeta: “noventa por cento de ferro nas calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas”. O núcleo de poemas dedicados à cidade nos permite traçar um arco que vai desde as lembranças da Itabira de sua infância até a dolorosa destruição dos símbolos mais evocativos da cidade, um caminho que além de poético também foi histórico.

A casa em que Drummond nasceu ficava de frente para o Pico do Cauê: um imenso acidente geográfico de minério de ferro, a “primeira visão de mundo” gravada no inconsciente de poeta. A dez passos dali, dobravam os sinos da Matriz do Rosário, que regulavam o tempo e a

vida da cidade: “a provar a nós mesmos que, vivendo, estamos para doer”. Com o avanço da modernização econômica no país, Itabira passou a ser o principal alvo das investidas da Companhia Vale do Rio Doce, criada por Getúlio Vargas em 1942. Gradualmente, o Pico do Cauê foi corroído pelas máquinas, que deixaram uma imensa cratera em seu lugar. Britada em milhões de lascas, a “Montanha pulverizada” era distribuída nos vagões do “maior trem do mundo”, deixando no corpo e na paisagem o “miseró pó de ferro”. E este não passa.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,

vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,

é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

A máquina do mundo

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circunspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.”

As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade:

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.

Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.

A montanha pulverizada

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

Era coisa dos índios e a tomamos
para enfeitar e presidir a
vida neste vale soturno onde a riqueza
maior é a sua vista a contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ser, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas,
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões,
no trem-monstro de 5 locomotivas
– trem maior do mundo, tomem nota –
foge minha serra vai,
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.

Anoitecer

Compositores: José Miguel Wisnik; Carlos Drummond de Andrade

Intérprete: José Miguel Wisnik

Data: 2003

É a hora em que o sino toca,
mas aqui não há sinos;
há somente buzinas,
sirenes roucas, apitos
aflitos, pungentes, trágicos,
uivando escuro segredo;
desta hora tenho medo.

É a hora em que o pássaro volta,
mas de há muito não há pássaros;
só multidões compactas
escorrendo exaustas
como espesso óleo
que impregna o lajedo;
desta hora tenho medo.

É a hora do descanso,
mas o descanso vem tarde,
o corpo não pede sono,
depois de tanto rodar;
pede paz - morte - mergulho
no poço mais ermo e queto;
desta hora tenho medo.

Hora de delicadeza,
gasalho, sombra, silêncio.
Haverá disso no mundo?
É antes a hora dos corvos,
bicando em mim, meu passado,
meu futuro, meu degredo;
desta hora, sim, tenho medo.

Vista parcial da cidade de Itabira. 1936-1940.

Autor: Miguel Brescia. Coleção Particular Humberto Martins.

Carlos Drummond de Andrade saiu de Itabira, pela primeira vez, para estudar em Belo Horizonte antes de completar 15 anos de idade. Entre idas e vindas, viveu poucos anos sua cidade natal. Mas nenhuma outra percorre seus versos de forma tão marcante quanto Itabira. Lá, o poeta teve sua primeira “visão de mundo”: o pico do Cauê, um imenso acidente geográfico de minério de ferro que projetava sua sombra por toda a cidade. Na fotografia tirada entre 1936 e 1940, o pico do Cauê ainda pode ser visto ao fundo. Hoje, não existe mais.



A estranha ideia de família, viajando através da carne

Tomada por seu conjunto, a obra de Carlos Drummond de Andrade é atravessada por uma incessante busca identitária, em que o poeta dedicou um núcleo expressivo de poemas relacionados a memória familiar e pessoal. Paralelo ao tempo cronológico, o tempo da memória oferece uma miragem de eternidade e as lembranças do passado são ressentidas nos espaços do poema, em “um abrir de baús / e de lembranças violentas”. Drummond foi o nono filho de uma tradicional família mineira. O legado familiar, com o peso das relações patriarcais que marcaram sua infância e a memória familiar foi uma ambiguidade que se prolongou por toda a vida. Dentro desse tema, merece destaque sua obsessão pelo pai, com quem o poeta teve uma relação áspera, marcada pela “falta de beijos”. Em busca de reconciliação, o poeta refaz as antigas cenas familiares, além de imaginar outras que nunca vieram a acontecer. O pai está presente em grande parte dos poemas, como se estivesse sendo inquirido a um acerto de contas: “já não estás e te sinto / não me falas, e te converso. / E tanto nos entendemos, no escuro, / no pó, no sono”.

Viagem na família

No deserto de Itabira
a sombra de meu pai
tomou-me pela mão.
Tanto tempo perdido.
Porém nada dizia.
Não era dia nem noite.
Suspiro? Voo de pássaro?
Porém nada dizia.

Longamente caminhamos.
Aqui havia uma casa.
A montanha era maior.
Tantos mortos amontoados,
o tempo roendo os mortos.
E nas casas em ruína,
desprezo frio, umidade.
Porém nada dizia.

A rua que atravessava
a cavalo, de galope.
Seu relógio. Sua roupa.
Seus papéis de circunstância.
Suas histórias de amor.
Há um abrir de baús
e de lembranças violentas.
Porém nada dizia.

No deserto de Itabira
as coisas voltam a existir,
irrespiráveis e súbitas.
O mercado de desejos
expõe seus tristes tesouros;
meu anseio de fugir;
mulheres nuas; remorso.
Porém nada dizia.

Pisando livros e cartas,
viajamos na família.
Casamentos; hipotecas;
os primos tuberculosos;
a tia louca; minha avó
traída com as escravas,
rangendo sedas na alcova.
Porém nada dizia.

Que cruel, obscuro instinto
movia sua mão pálida
sutilmente nos empurrando
pelo tempo e pelos lugares
defendidos?

Olhei-o nos olhos brancos.
Gritei-lhe: Fala! Minha voz
vibrou no ar um momento,
bateu nas pedras. A sombra
prosseguia devagar
aquela viagem patética
através do reino perdido.
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão
e mais de uma velha revolta
a dividir-nos no escuro.
A mão que eu não quis beijar,
o prato que me negaram,
recusa em pedir perdão.
Orgulho. Terror noturno.
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.
Puxava pelo casaco
que se desfazia em barro.
Pelas mãos, pelas botinas
prendia a sombra severa
e a sombra se desprendia
sem fuga nem reação.
Porém ficava calada.

E eram distintos silêncios
que se entranhavam no seu.
Era meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos;
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande separação
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida
me aperta contra o seu vulto,
e nesse abraço diáfano
é como se eu me queimasse
todo, de pungente amor.
Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.
As águas já não permitem
distinguir seu rosto longe,
para lá de setenta anos...
Senti que me perdoava
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,
a família, Itabira, tudo.

Como um presente

Teu aniversário, no escuro,
não se comemora.

Escusa de levar-te esta gravata.
Já não tens roupa, nem precisas.
Numa toalha no espaço há o jantar,
mas teu jantar é silêncio, tua fome não come.

Não mais te peço a mão enrugada
para beijar-lhe as veias grossas.
Nem procuro nos olhos estriados
aquela interrogação: está chegando?

Em verdade paraste de fazer anos.
Não envelheces. O último retrato
vale para sempre. És um homem cansado
mas fiel: carteira de identidade.

Tua imobilidade é perfeita. Embora a chuva,
o desconforto deste chão. Mas sempre amaste
o duro, o relento, a falta. O frio sente-se
em mim, que te visito. Em ti, a calma.

Como compraste calma? Não a tinhas.
Como aceitaste a noite? Madrugavas.
Teu cavalo corta o ar, guardo uma espora
de tua bota, um grito de teus lábios,
sinto em mim teu corpo cheio, tua faca,
tua pressa, teu estrondo... encadeados.

(...)

Vejo-te mais longe. Ficaste pequeno.
Impossível reconhecer teu rosto, mas sei que és tu.
Vem da névoa, das memórias, dos baús atulhados,
da monarquia, da escravidão, da tirania familiar.
És bem frágil e a escola te engole.
Faria de ti talvez um farmacêutico ranzinza, um doutor confuso.
Para começar: uma dúzia de bolos!
Quem disse?
Entraste pela porta, saíste pela janela
- conheceu, seu mestre? – quem quiser que conte outra,
mas tu ganhavas o mundo e nele aprenderias tua sucinta gramática,
a mão do mundo pegaria de tua mão e desenharia tua letra firme,
o livro do mundo te entraria pelos olhos e te imprimiria sua completa e clara ciência,
mas não descobro teu segredo.

É talvez um erro amarmos assim nossos parentes.
A identidade do sangue age como cadeia,
fora melhor rompê-la. Procurar meus parentes na Ásia,
onde o pão seja outro e não haja bens de família a preservar.
Por que ficar neste município, neste sobrenome?
Taras, doenças, dívidas; mal se respira no sótão.
Quisera abrir um buraco, varar o túnel, largar minha terra,
passando por baixo de seus problemas e lavouras, de eterna agência
do correio,
e inaugurar novos antepassados em uma nova cidade.
Quisera abandonar-te, negar-te, fugir-te, mas curioso:
já não estás, e te sinto,
não me falas, e te converso.
E tanto nos entendemos, no escuro,
no pó, no sono.

E pergunto teu segredo.
Não respondes. Não o tinhas.
Realmente não o tinhas, me enganavas?
Então aquele maravilhoso poder de abrir garrafas sem saca-rolha,
de desatar nós, atravessar rios a cavalo, assistir, sem chorar, morte de filho,
expulsar assombrações apenas com teu passo duro,
o gado que sumia e voltava, embora a peste varresse as fazendas,
o domínio total sobre irmãos, tios, primos, camaradas, caixeiros, fis-
cais do governo, beatas, padres, médicos, mendigos, loucos mansos,
loucos agitados, animais, coisas:
então não era segredo?

E tu que me dizes tanto
disso não me contas nada.

Perdoa a longa conversa.
Palavras tão poucas, antes!
É certo que intimidavas.

Guardavas talvez o amor
em tripla cerca de espinhos.

Já não precisas guardá-lo.
No escuro em que fazes anos,
no escuro,
é permitido sorrir.

Memória

Compositores: Alcyvando Luz; Carlos Drummond de Andrade

Intérprete: Quarteto em Cy

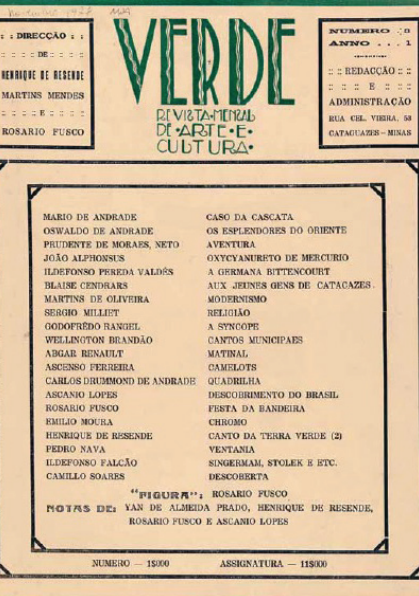
Data: 1977

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.



"Verde: revista mensal de arte e cultura" Nov/1927.

Antes de estrear com "Alguma Poesia", Carlos Drummond lia e escrevia obstinadamente. Enquanto morou em Belo Horizonte, produziu um volume considerável de textos: poemas, contos, crônicas, ensaios, artigos e resenhas. Esse material, quando escapava da lixeira, era lido aos amigos nos bares e cafés da capital mineira. Parte dessa produção está espalhada em periódicos de todo o país. Na "Verde: revista mensal de arte e cultura", editada pelos modernistas mineiros do Grupo Verde, de Cataguases, publicou o famoso poema "Quadrilha", em 1927.

O amor é isso que você está vendo

O tema do amor em Carlos Drummond de Andrade aponta para várias possibilidades, adquirindo novas dimensões com o passar do tempo. Em suas primeiras obras, se revela em meio ao cotidiano, zombeteiro e irônico, desordenado, imprevisível: "Calos, sossegue, o amor / é isso que você está vendo: / hoje beija, amanhã não beija / depois de amanhã é domingo". Depois de "Claro enigma", principalmente, extrapola os limites da existência, alheio a fatalidade do tempo e da morte. É o que observamos, por exemplo, no poema "Nascer de novo", em que o amor equivale a um segundo nascimento, uma redescoberta do sentido existir, quando o "tempo se redoura" e a "linguagem encontra seu motivo / até mesmo nos lances de silêncio". A passagem do tempo será, para o Drummond da idade madura, construtiva: para ele, a experiência erótica se torna a verdadeira portadora de uma revelação da eternidade através dos sentidos. Como no poema "Escada", onde dois

amantes buscam o céu – que coincidia com o céu da boca, paraíso feito de um prazer que se esgota rapidamente. O poeta, enfim, parece ter alcançado no amor a medida de todas as coisas: “o amor é grande e cabe / no breve espaço de beijar”.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Nascer de novo

Nascer: findou o sono das entranhas.

Surge o concreto,
a dor de formas repartidas.

Tão doce era viver
sem alma, no regaço
do cofre maternal, sombrio e cálido.

Agora,
na revelação frontal do dia,
a consciência do limite,
o nervo exposto dos problemas.

Sondamos, inquirimos
sem resposta:
Nada se ajusta, deste lado,
à placidez do outro?
É tudo guerra, dúvida
no exílio?
O incerto e suas lajes
criptográficas?
Viver é torturar-se, consumir-se
à míngua de qualquer razão de vida?

Eis que um segundo nascimento,
não adivinhado, sem anúncio,
resgata o sofrimento do primeiro,
e o tempo se redoura.
Amor, este o seu nome.
Amor, a descoberta
de sentido no absurdo de existir.
O real veste nova realidade,
a linguagem encontra seu motivo
até mesmo nos lances de silêncio.

A explicação rompe das nuvens,
das águas, das mais vagas circunstâncias:
Não sou eu, sou o Outro
que em mim procurava seu destino.
Em outro alguém estou nascendo.
A minha festa,
o meu nascer poreja a cada instante,
em cada gesto meu que se reduz
a ser retrato,
espelho,
semelhança,
de gesto alheio aberto em rosa.

Amor-Amaro

Porque amou por que amou
se sabia
proibido passear sentimentos
ternos ou desesperados
nesse museu do pardo indiferente
me diga: mas por que
amar sofrer talvez como se morre
de varíola voluntária vírgula evidente?

ah PORQUE AMOU
e se queimou
todo por dentro por fora nos cantos ecos
lúgubres de você mesm(o,a)
irm(ã,o) retrato espetáculo por que amou?
se era para
ou era por
como se entretanto todavia
toda via mas toda vida
é indignação do achado e aguda espotejação
da carne do conhecimento, ora veja

permita cavalheir(o,a)
amig(o,a) me releve
este malestar
cantarino escarninho piedoso
este querer consolar sem muita convicção
o que é inconsolável de ofício
a morte é esconsolável consolatrix consoadíssima
a vida também
tudo também
mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de nuncarás.

Campo de flores

Deus me deu um amor no tempo de madureza,
quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.
Deus - ou foi talvez o Diabo - deu-me este amor maduro,
e a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos
e outros acrescento aos que amor já criou.
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia
e cansado de mim julgava que era o mundo
um vácuo atormentado, um sistema de erros.
Amanhecem de novo as antigas manhãs
que não vivi jamais, pois jamais me sorriram.

Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra
imensa e contraída como letra no muro
e só hoje presente.
Deus me deu um amor porque o mereci.
De tantos que já tive ou tiveram em mim,
o sumo se espremeu para fazer um vinho
ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo.

E o tempo que levou uma rosa indecisa
a tirar sua cor dessas chamas extintas
era o tempo rriais justo. Era tempo de terra.
Onde não há jardim, as flores nascem de um
secreto investimento em formas improváveis.

Hoje tenho um amor e me faço espaçoso
para arrecadar as alfaias de muitos
amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes
e ao vê-los amorosos e transidos em torno,
o sagrado terror converto em jubilação.

Seu grão de angústia amor já me oferece
na mão esquerda. Enquanto a outra acaricia
os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura
e o mistério que além faz os seres preciosos
à visão extasiada.

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,
há que amar diferente. De uma grave paciência
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia
tenha dilacerado a melhor doação.

Há que amar e calar.

Para fora do tempo arrasto meus despojos
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

Escada

Na curva desta escada nos amamos,
nesta curva barroca nos perdemos.

O caprichoso esquema
unia formas vivas, entre ramas.

Lembras-te carne? Um arrepio telepático
vibrou nos bens municipais, e dando volta
ao melhor de nós mesmos,
deixou-nos sós, a esmo,
espetacularmente sós e desarmados,
que a nos amarmos tanto eis-nos morridos.

E mortos, e proscritos
de toda comunhão no século (esta espira
é testemunha, e conta), que restava
das línguas infinitas
que falávamos ou surdas se lambiam
no céu da boca sempre azul e oco?

Que restava de nós,
neste jardim ou nos arquivos, que restava
de nós, mas que restava, que restava?
 Ai, nada mais restara,
 que tudo mais, na alva,
se perdia, e contagiando o canto aos passarinhos,
vinha até nós, podrido e trêmulo, anunciando
que amor fizera um novo testamento,
e suas prendas jaziam sem herdeiros
num pátio branco e áureo de laranjas.

 Aqui se esgota o orvalho,
e de lembrar não há lembrança. Entrelaçados,
insistíamos em ser; mas nosso espectro,
submarino, à flor do tempo ia apontando,
e já noturnos, rotos, desossados,
 nosso abraço doía
para além da matéria esparsa em números.

Asa que ofereceste o pouso raro
e dançarino e rotativo, cálculo,
 rosa grimpante e fina
que à terra nos prendias e furtavas,
 enquanto a reta insigne
 da torre ia lavrando
no campo desfolhado outras quimeras:
sem ti não somos mais o que antes éramos.

E se este lugar de exílio hoje passeia
faminta imaginação atada aos corvos
de sua própria ceva,
escada, ó assunção,
ao céu alças em vão o alvo pescoço,
que outros peitos em ti se beijariam
sem sombra, e fugitivos,
mas nosso beijo e baba se incorporam
de há muito ao teu cimento, num lamento.

O mundo é grande

Compositores: Suely Costa; Carlos Drummond de Andrade

Intérprete: Maria Bethânia

Data: 2006

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar

Carlos Drummond de Andrade. 2012.
Copacabana, Rio de Janeiro.

A estreia de Carlos Drummond na literatura foi estrondosa. Em seu primeiro livro, "Alguma Poesia" defendeu o verso livre. Alguns poemas foram elogiados outros receberam estrondosas vaias. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1930, onde se consolidou como um dos mais importantes poetas do país. A estátua construída em homenagem ao centenário de seu nascimento é um dos monumentos públicos mais visitados da cidade.



Poesia ao rés-do-chão

Ao longo da década de 1920, Carlos Drummond de Andrade era visto caminhando cotidianamente pelas ruas espaçosas da capital mineira. Nas décadas seguintes, quando residia no Rio de Janeiro, o poeta caminhante costumava ser seguido e interpelado pelos admiradores, como foi o caso de um jovem ainda desconhecido, que se chamava João Gilberto e queria a todo custo um autógrafo de seu mestre. Foi ao longo de suas caminhadas que Drummond descobre uma aproximação capaz de estreitar seus laços com seus leitores. Poeta com olhos de cronista e cronista com olhos de poeta, Drummond fez também uma poesia sobre o simples rés-do-chão: o hábito de caminhar fornece à sua escrita uma cadência particular, misturada aos homens, ouvindo suas conversas, que às vezes poderiam ser de uma simplicidade reveladora e penetrante. Com essa percepção de realidade, o poeta passa a falar das pernas no bonde, da cachaça, do cabaré, das pedras do caminho e dos queixumes amorosos: “é preciso tirar da boca urgente / o canto rápido, ziguezaguante, rouco, / feito da impureza do minuto / e de vozes em febre, que golpeiam / esta viola desatinada / no chão, no chão”.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Cabaré Mineiro

A dançarina espanhola de Montes Claros
dança e redança na sala mestiça.

Cem olhos morenos estão despindo
seu corpo gordo picado de mosquito.

Tem um sinal de bala na coxa direita,
o riso postiço de um dente de ouro,
mas é linda, linda, gorda e satisfeita.

Como rebola as nádegas amarelas!

Cem olhos brasileiros estão seguindo
o balanço doce e mole de suas tetas...

Estória de João-Joana

Meu leitor, o sucedido
em Lajes do Caldeirão
é caso de muito ensino,
merecedor de atenção.
Por isso é que me apresento
fazendo esta relação.

Vivia em dito arraial
do país das Alagoas
um rapaz chamado João
cuja força era das boas
pra sujigar burro bravo,
tigres, onças e leoas.

João, lhe deram este nome
não foi de letra em cartório
pois sua mãe e seu pai
viviam de peditório.
Gente assim do miserê
nunca soube o que é casório.

Ficou sendo João, pois esse
é nome de qualquer um.
Não carece excogitar,
pedir a doutor nenhum,
que a sentença vem do Céu,
não de lá do Barzabum.

De pequeno ficou órfão,
criado por seus dois manos.
Foi logo para o trabalho
com muitos outros fulanos
e seu muque, sem mentira,
era o de três otomanos.

Na enxada, quem que vencia
aquele tico de gente.
No boteco, se ele entrava
pra bochechar aguardente,
o saudavam com respeito
Deus lhe salve, meu parente.

João moço não enjeitava
parada com sertanejo.
Podiam brincar com ele
sem carregar no gracejo.
Dizia que homem covarde
não é cabra, é percevejo.

Um dia de calor desses
que tacam fogo no agreste,
João suava que suava
sem despir a sua veste.
Companheiro, essa camisa
não é coisa que moleste?

Ihe perguntou um amigo
que estava de peito nu.
E João se calado estava
nem deu pio de nambu.
Ninguém nunca viu seu pêlo,
nem por trás do murundu.

João era muito avexado
na hora de tomar banho.
Punha tranca no barraco
fugindo a qualquer estranho.
Em Lajes nenhum varão
tinha recato tamanho.

João nas últimas semanas
entrou a sofrer de inchaço.
Mesmo assim arranca toco
sem se carpir de cansaço.
Um dia, não güenta mais,
exclama: O que é que eu faço?

Os manos vendo naquilo
coisa mei' desimportante,
logo receitam de araque
meizinha sem variante
para qualquer macacoa:
Carece tomar purgante.

João entrou no purgativo
louco de dor e de medo
se entorcendo e contorcendo
na solidão do arvoredo
pois ele em sua aflição
lá se escondera bem cedo.

O gemido que exalava
do peito de João sozinho
alertou os seus dois manos
que foram ver de mansinho
como é que aquele bravo
se tornara tão fraquinho.

No chão de terra, essa terra
que a todos nós vai comer,
chorava uma criancinha
acabada de nascer,
E João, de peito desnudo,
acarinhava este ser.

Aquela cena imprevista
causou a maior surpresa.
O que tanto se ocultara
se mostrava sem defesa.
João deixara de ser João
por força da natureza.

A mulher surgia nele
ao mesmo tempo que o filho,
tal qual se brotassem junto
a espiga com o pé de milho,
ou como bala que estoura
sem se puxar o gatilho.

Se os manos levaram susto,
até eu, que apenas conto.
E o povo todo, assuntando
a estória ponto por ponto,
ficou em breve inteirado
do que aí vai sem desconto.

Nem menino nem menina
era João quando nasceu.
A mãe, sem saber ao certo,
o nome de João lhe deu,
dizendo: Vai vestir calça
e não saia que nem eu.

À proporção que crescia
feito animal na campina,
em João foi-se acentuando
a condição feminina,
mas ele jamais quis ser
tratado feito menina.

Pois nesse triste povoado
e cem léguas ao redor,
ser homem não é vantagem
mas ser mulher é pior.
Quem vê claro já conclui:
de dois males o menor.

Homem é grão de poeira
na estrada sem horizonte;
mulher nem chega a ser isso
e tem de baixar a fronte
ante as ruindades da vida,
de altura maior que um monte.

A sorte, se presenteia
a todos doença e fome,
para as mulheres capricha
num privilégio sem nome.
Colhe miséria maior
e diz à coitada: Tome.

É forma de escravidão
a infinita pobreza,
mas duas vezes escrava
é a mulher com certeza,
pois escrava de um escravo
pode haver maior dureza?

Por isso aquela mocinha
fez tudo para iludir
aos outros e ao seu destino.
Mas rola não é tapir
e chega lá um momento
da natureza explodir.

João vira Joana: acontecem
dessas coisas sem preceito.
No seu colo está Joãozinho
mamando leite de peito.
Pelo menos esse aqui
de ser homem tem direito.

De ser homem: de escolher
o seu próprio sofrimento
e de escrever com peixeira
a lei do seu mandamento
quando à falta de outra lei
ou eu fujo ou arrebento.

Joana desiste de tudo
que ganhara por mentira.
Sabe que agora lhe resta
apenas do saco a embira.
E nem mesmo lhe aproveita
esta minha pobre lira.

Saibam quantos deste caso
houverem ciência, que a vida
não anda, em favor e graça,
igualmente repartida,
e que dor ensombra a falta
de amor, de paz e comida.

Meu leitor (não eleitor,
que eu nada te peço a ti
senão me ler com paciência
de Minas ao Piauí):
tendo contado meu conto,
adeus, me despeço aqui.

Explicação

Meu verso é minha consolação.

Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua, cachaça.
Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres,
folha de taioba, pouco importa: tudo serve.

Para louvar a Deus como para aliviar o peito,
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.

Meu verso me agrada sempre...

Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cambalhota
mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.

Eu bem me entendo.

Não sou alegre. Sou até muito triste.

A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra mole,
preguiçosa.

Há dias em que ando na rua de olhos baixos
para que ninguém desconfie, ninguém perceba
que passei a noite inteira chorando.

Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,
de repente ouço a voz de uma viola...
saio desanimado.

Ah, ser filho de fazendeiro!

A beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego vagabundo,
é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.

E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.

Aquela casa de nove andares comerciais
é muito interessante.

A casa colonial da fazenda também era...
No elevador penso na roça,
na roça penso no elevador.

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,
lê o seu jornal, mete a língua no governo,
queixa-se da vida (a vida está tão cara)
e no fim dá certo.

Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?

E agora Drummond?

Compositores: João Nogueira; Paulo César Pinheiro

Intérprete: João Nogueira

Data: 1992

E agora Drummond?
Que será de José?
Que ficou sem tostão
Que perdeu sua fé,
Que não tem mais prazer...
Que deixou de brigar,
Que rendeu-se ao poder...
Que não quer protestar,
Sua raiva murchou
Não tem gana mais não...
A esperança acabou...

E agora Drummond?

Está sem trabalho
Está sem dinheiro
Está sem amigo e sem paradeiro
Só vê desespero, miséria, abandono
Os mesmos senhores na terra sem-dono
Não vê a mudança, sonhar foi em vão
José já se cansa...

E agora Drummond?

Se você voltasse,
Se você escrevesse,
Se você contasse que sofrer é esse
Se você existisse e se denunciasse
Se José pudesse ver a sua face
Mas você foi embora,
Que tristeza então...
Pra José que chora...

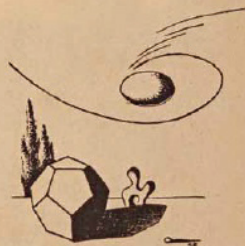
E agora, Drummond?

Sozinho ele roda
Na roda do mundo
Atrás da utopia jogada no fundo
Não viu alegria, a justiça não veio
E o destino do povo parado no meio
José chama o povo, ninguém lhe responde,
Mas ele 'inda marcha...

Drummond, para onde?
(E agora Drummond?)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

SENTIMENTO DO MUNDO



PONGETTI

1ª edição de “Sentimento do Mundo”. 1940.

“Sentimento do Mundo” é uma coletânea de poemas escritos entre 1935 e 1940, época em que Carlos Drummond de Andrade chefiava a equipe de Gustavo Capanema, no Ministério da Educação e Saúde durante o governo de Getúlio Vargas. A ligação com o poder público não impediu o poeta de demonstrar aguda consciência dos problemas históricos que agitavam o país e o mundo. Publicado pela primeira vez com tiragem de apenas 150 exemplares, o livro circulou clandestinamente, para escapar da forte censura imposta pelo governo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Entre 1940 e 1945, o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou três livros de forte cunho político e social: *Sentimentos do Mundo*, *José* e *A Rosa do Povo*. Nessas obras, Drummond avançou das preocupações individuais presentes em seus livros anteriores para apresentar um novo sujeito lírico, com os olhos voltados para as questões de seu próprio tempo. Essa passagem do *eu* para o *nós* foi condicionada pelo sentimento de medo que unificava o mundo naqueles anos, em que a Segunda Guerra estourava na Europa e os brasileiros conheciam a face ditatorial de Getúlio Vargas ao longo do Estado Novo (1937-1945). Nesse desdobrar do poeta sobre o mundo, o sujeito do texto busca cumplicidade com o leitor, inserindo-se nas disputas políticas de seu tempo.

Abaixo, selecionamos dois poemas de Drummond publicados em um espaço de dez anos, elucidando dois momentos distintos de sua produção. O primeiro se chama *Poema das Sete Faces* e abre seu livro de estréia, *Alguma Poesia*, de 1930. O segundo, *Mundo Grande* e faz parte do livro *Sentimento do Mundo*, publicado em 1940.

Poema das sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Mundo Grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
Por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso

num só peito de homem... sem que elo estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos — voltarão?
Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração,
Só agora descobro
como é triste ignorar certas coisas.

(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar.
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao
suicídio
Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.

Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
— Ó vida futura! nós te criaremos.

- a) Organize a turma em círculo e proponha uma leitura comparada desses dois poemas. Conduzindo o debate, procure identificar com os alunos como se estabelece a relação entre o sujeito lírico (que significa “a voz do poeta”) e o mundo, em cada um deles.
- b) Para o crítico Antonio Candido, Carlos Drummond de Andrade é o maior poeta social de nossa literatura. Em seus versos, o desejo de transformar o mundo está intimamente associado à esperança de promover a modificação de si mesmo. Tendo o poema *Mundo Grande* como referência, peça aos alunos para identificarem em quais momentos Drummond evidencia a necessidade do sujeito lírico estar atento às questões de seu tempo.

- c) Com base nessas reflexões, organize a turma em pequenos grupos e peça para que os alunos façam uma paródia sobre as principais questões e angústias vividas nos dias de hoje, tendo por base um dos dois poemas de Drummond - lembrando que paródia é uma obra (seja ela musical, literária ou teatral) que imita outra obra, com objetivos jocosos ou satíricos.
- d) Por fim, peça à cada grupo para apresentar seu trabalho – e, se possível, para outras turmas da escola.
2. A multiplicidade de temas e estilos é um dos aspectos mais surpreendentes na obra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Mas, em quase todos os seus livros, Drummond evoca Itabira, sua terra natal. O núcleo de poemas dedicados à cidade nos permite traçar um arco que vai desde as lembranças da Itabira de sua infância até a Itabira de sua velhice, já despojada de seus símbolos mais evocativos, como o pico do Cauê e a antiga Matriz do Rosário. Esse processo que acompanhamos em seus versos também é histórico: com o avanço da modernização econômica do país aliada a entrada do Brasil na Segunda Guerra, Itabira foi um dos principais alvos das investidas da Companhia Vale do Rio Doce, criada por Getúlio Vargas em 1942. A paisagem urbana da cidade mudou, suas montanhas foram abaixo pelo surto de mineração, antigas construções foram demolidas, grandes áreas verdes se tornaram loteamento para os dejetos minerais. Abaixo, trechos selecionados de poemas sobre a cidade de Itabira:

Lanterna Mágica

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.

Na cidade toda de ferro

as ferraduras batem como sinos.

Os meninos seguem para a escola.

Os homens olham para o chão.

Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota
incomparável.

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação [...]

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:

esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;

este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;

este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

A montanha pulverizada

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa [...]

Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas,
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões,
no trem-monstro de 5 locomotivas
– trem maior do mundo, tomem nota –
foge minha serra vai,
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.

- a) Os três poemas foram publicados em um espaço de mais de 40 anos. Ao longo desses anos, Carlos Drummond sugere que a paisagem urbana de Itabira passou por inúmeras transformações. Proponha aos alunos uma leitura coletiva dos poemas, com o objetivo de identificar como a cidade de Itabira é evocada pelo poeta, nas diferentes fases de sua obra.

- b) A casa em que o poeta nasceu ficava de frente para o Pico do Cauê, um imenso acidente geográfico de minério de ferro, primeira visão de mundo gravada no inconsciente do poeta – como afirmou na crônica *Vila da Utopia*. A partir de 1942, ele foi sendo aos poucos corroído pelas máquinas da Cia Vale do Rio Doce, que deixaram uma imensa cratera em seu lugar. Leia o trecho a seguir:

Vila da Utopia

Todos cantam sua terra, mas eu não quis cantar a minha. Preferi dizer palavras que não são de louvor, mas que traem a silenciosa estima do indivíduo, no fundo, eternamente municipal e infenso à grande comunidade urbana. Ainda assim fui itabirano, gente que quase não fala bem de sua terra, embora proíba expressamente aos outros de falarem mal dela. Maneira indireta e disfarçada de querer bem, legítima como todas as maneiras. E afinal, eu nunca poderia dizer ao certo se culpo ou se agradeço a Itabira pela tristeza que destilou no meu ser, tristeza minha, tristeza que não copiei, não furtei...

- c) A partir da leitura desse trecho e dos poemas anteriores, peça aos alunos para escreverem, em verso ou prosa, um texto evocativo sobre os lugares, espaços e paisagens de sua cidade natal que marcaram sua memória. Seja uma rua, uma casa, uma praça, um sítio, ou algum outro lugar que hoje já não existe – ou existe carregando consigo novos significados.
- d) Proponha aos alunos que façam uma exposição de imagens sobre a história da cidade em que mora. Sugerimos que organize a turma em grupos e peça para cada um deles se dedicarem a um dos principais símbolos da cidade alguma praça, avenida, igreja, parque.

Sugerimos que cada grupo trabalhe com um número máximo de dez fotografias.

- e) Após a exposição, organize um debate com a turma sobre a realização da pesquisa. Discuta como podemos pensar a relação afetiva que estabelecemos com a cidade e como os espaços urbanos são ressignificados com o passar dos anos.

3. Paralelamente ao tempo cronológico, o homem inaugurou em si mesmo um tempo capaz de lhe dar uma miragem de eternidade: um tempo subjetivo, pessoal, sobre o qual ele pode exercer seu domínio. Estamos falando do tempo da memória. Segundo o especialista Hans Meyerhoff, em sua obra chamada *O tempo da literatura* (1976):

Memória é um instrumento de registro muito mais complicado e confuso do que a natureza, os instrumentos feitos pelo homem ou os registros históricos. [...] As coisas lembradas são fundidas e confundidas com as coisas temidas e com aquelas que se tem esperança que aconteçam. Desejos e fantasias podem não só ser lembrados como fatos, como também os fatos lembrados são constantemente modificados, reinterpretados e revividos à luz das exigências presentes, temores passados e esperanças futuras.

Drummond foi o nono filho de uma tradicional família mineira. O legado familiar e o peso das relações patriarcais que marcaram sua infância jamais deixaram sua poesia, que é atravessada por uma incessante busca identitária. Dentro do tema familiar, vale destacar a obsessão do poeta pelo pai, com quem teve uma relação áspera. A figura paterna em sua poesia é altiva, fria e imponente, marcando presença em quase todos os poemas cujo tema é a família. Seguem abaixo, alguns trechos selecionados:

Viagem na família

No deserto de Itabira
a sombra de meu pai
tomou-me pela mão.
Tanto tempo perdido.
Porém nada dizia.
Não era dia nem noite.
Suspiro? Voo de pássaro?
Porém nada dizia.

Longamente caminhamos.
Aqui havia uma casa.
A montanha era maior.
Tantos mortos amontoados,
o tempo roendo os mortos.
E nas casas em ruína,
desprezo frio, umidade.
Porém nada dizia. [...]
No deserto de Itabira
as coisas voltam a existir,
irrespiráveis e súbitas.

Olhei-o nos olhos brancos.
Gritei-lhe: Fala! Minha voz
vibrou no ar um momento,
bateu nas pedras. A sombra
proseguia devagar
aquela viagem patética
através do reino perdido.
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão
e mais de uma velha revolta
a dividir-nos no escuro.
A mão que eu não quis beijar,
o prato que me negaram,
recusa em pedir perdão.
Orgulho. Terror noturno.
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.
Puxava pelo casaco
que se desfazia em barro.
Pelas mãos, pelas botinas
prendia a sombra severa
e a sombra se desprendia
sem fuga nem reação.
Porém ficava calada.

E eram distintos silêncios
que se entranhavam no seu.
Era meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos;
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande separação
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida
me aperta contra o seu vulto,
e nesse abraço diáfano
é como se eu me queimasse
todo, de pungente amor.
Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.
As águas já não permitem
distinguir seu rosto longe,
para lá de setenta anos...
Senti que me perdoava
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,
a família, Itabira, tudo.

- a) Em busca de reconciliação com o pai – que é inquirido a uma espécie de acerto de contas –, Drummond refaz no espaço do poema as antigas cenas familiares, além de imaginar outras que nunca vieram a acontecer. Proponha, aos alunos, uma leitura coletiva do poema *Viagem da Família* e da citação de Hans Meyerhoff, refletindo sobre como o poeta mineiro explorou o tempo subjetivo da memória para se reconciliar com o passado familiar.
 - b) Com bases nas reflexões da atividade anterior, proponha aos alunos um trabalho de história oral. Para isso, sugerimos as seguintes instruções. Construa, coletivamente com os alunos, um roteiro de perguntas a respeito do tema “Uma viagem pela família”. Em seguida, peça aos alunos para recolherem depoimentos dos familiares (de preferência dos mais velhos) a respeito das suas memórias afetivas (infância, relação com os pais, com os irmãos, os avós, reuniões de família...). Esses depoimentos podem ser gravados em vídeo, áudio ou podem ser escritos, conforme a opção de cada aluno. Sugerimos que recolham o depoimento de pelo menos dois membros da família.
 - c) Com base nos depoimentos, peça aos alunos para montarem um memorial de sua família, organizando esses depoimentos em uma apresentação visual (seja em dispositivo digital ou em cartaz), intercalada com fotografias, documentos, desenhos, objetos e outros registros históricos.
4. Ao longo dos anos 1920, Carlos Drummond de Andrade era visto caminhando cotidianamente pelas ruas espaçosas da capital mineira. Naqueles anos, a cidade tinha pouco mais de 50 mil habitantes e o poeta ficou conhecido por inaugurar uma tradição: escalar os arcos do viaduto Santa Teresa. Para se divertir, espantar o tédio

ou chocar a burguesia, Drummond os subia depois de tomar um copo de leite. As gerações seguintes, sobretudo aquela dos escritores da década de 1940 procuravam imitá-lo nos versos e nas proezas, mas sempre precisaram da coragem contida em algumas doses de conhaque, uísque ou cachaça.

Pelos fins da década de 1930 e início dos anos 1940, quando residia no Rio de Janeiro e adquirira melhor juízo, Carlos Drummond já era um escritor de expressão nacional. O “poeta caminhante”, que andava sempre com os braços colados no corpo, costumava ser seguido e interpelado pelos admiradores – como foi o caso de um jovem ainda desconhecido que se chamava João Gilberto e queria, a todo custo, um autógrafo de seu mestre. Foi ao longo dessas caminhadas que Drummond descobriu uma possibilidade de estreitar os laços com seus leitores. Tornou-se um poeta com olhos de cronista e cronista com olhos de poeta, também dedicado ao simples rés-do-chão: com essa percepção de realidade, passa a falar das pernas no bonde, da cachaça, do cabaré, das pedras do caminho, dos queixumes amorosos e dos graves problemas urbanos que afetavam as pessoas mais simples. Foi o que o poeta fez na crônica *Debaixo da ponte*, publicada por Drummond no livro *A bolsa & A vida* (1962) e também no poema *Coração numeroso* (1930):

Debaixo da ponte

Moravam debaixo da ponte. Oficialmente, não é o lugar onde se more, porém eles lá moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. [...] A tarde

surgia precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem não dispõe de outro rancho. [...] O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande posta de carne. Nem todos os dias se pega uma posta de carne. [...] Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E ririam aproveitar o resto do dia dormindo, quando começaram a sentir dores. Dores que foram aumentando, mas podiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado sem que houvesse chagado notícia prévia do alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica. Há duas vagas debaixo da ponte.

Coração Numeroso

Foi no Rio.

Eu passava na Avenida quase meia-noite.

Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.

Havia a promessa do mar

e bondes tilintavam,

abafando o calor

que soprava no vento

e o vento vinha de Minas.

Meus paráliticos sonhos desgosto de viver
(a vida para mim é vontade de morrer)
faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,
nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes,
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor.

- a) Muitos autores destacaram que existe um trânsito intenso entre a escrita jornalística das crônicas e a lírica dos poemas de Drummond. Antonio Candido, por exemplo, destaca que “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia”. Após a leitura dos textos selecionados, peça aos alunos que façam uma pesquisa sobre as diferenças e proximidades entre os dois estilos literários predominantes na obra de Drummond: a crônica e a poesia.

- b) Peça aos alunos para escreverem uma crônica ou um poema, de no máximo duas laudas, com reflexões sobre problemas urbanos enfrentados pelos moradores do bairro onde moram. A atividade livre pode discorrer sobre assuntos como a precariedade do transporte público, limpeza urbana, segurança, saneamento básico, deteriorização das vias públicas, entre outros.
- c) Na canção popular brasileira, também temos exemplos de compositores com afiado “olhar de cronista”. É o caso, por exemplo, de Chico Buarque, que dedicou muitas de suas canções a temas ligados ao cotidiano. Esse é um dos traços mais característicos de um de seus discos de maior sucesso, *Construção*, lançado em 1971. Organize os alunos em grupos pequenos e peça para realizarem uma pesquisa sobre cantores e compositores contemporâneos que compartilham com Carlos Drummond e Chico Buarque esse “olhar de cronista” sobre nosso tempo.
- d) Após a realização das atividades conduza um debate em torno da seguinte questão: qual deve ser o papel da poesia, da canção e das artes de modo geral nas questões políticas e sociais vividas no tempo presente?

OBRAS COMPLETAS

Poesia

Alguma poesia (1930)

Brejo das almas (1934)

Sentimento do mundo (1940)

José (1942)

A rosa do povo (1945)

Novos poemas (1948)

Claro enigma (1951)

Viola de bolso (1952)

Fazendeiro do ar (1954)

Viola de bolso II (1964)

Versiprosa (1967)

José & outros (1967)

Boitempo & A falta de quem ama (1968)

Reunião (1969)

As impurezas do branco (1973)

Menino antigo - Boitempo II (1973)

Discurso de primavera e algumas sombras (1977)

Esquecer para lembrar – Boitempo III (1979)

A paixão medida (1980)

Nova reunião (1983)

Corpo (1984)

Amar se aprende amando (1985)

Poesia errante (1988)

O amor natural (1992)

Farewell (1996)

Prosa

Confissões de Minas (1944)

Contos de aprendiz (1951)

Passeios na ilha (1952)

Fala, amendoeira (1957)

A bolsa e a vida (1962)

Cadeira de balanço (1966)

Caminhos de João Brandão (1970)

De notícias e não-notícias faz-se a crônica (1974)

Os dias lindos (1977)

70 historinhas (1978)

Contos plausíveis (1981)

Boca de luar (1984)

O observador no escritório (1985)

Tempo vida poesia (1986)

Moça deitada na grama (1987)

O avesso das coisas (1988)

Auto-retrato e outras crônicas (1989)

Literatura infantil

O elefante (1983)

História de dois amores (1985)

PARA SABER MAIS

CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006.

GENETON, Moraes Neto. *Dossiê Drummond*. São Paulo: Globo Editora, 2007.

Vinicius de Moraes

(1913-1980)

Perfil biográfico

“Vinicius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural”. A definição foi dada por ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade, poeta e amigo, que fez questão de emendar: “Eu queria ter sido Vinicius de Moraes”.

Filho de um doutor em latim e uma pianista cresceu entre a retórica empolada do pai e a sensibilidade musical da mãe. Seja como for, a rígida formação jesuíta do Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, não impediu o jovem Vinicius de Moraes de arriscar as primeiras linhas sobre aquele tema que iria perseguir ao longo de toda sua escrita: o amor pela mulher. Converteu-se em “poeta da paixão”. Havia, num primeiro momento, se deixado levar por uma postura “transcendental, frequentemente mística”, como definiu tempos depois, na “Advertência” de sua “Antologia poética”. Mas, logo tratou de dar um giro em sua escrita para se aproximar do mundo material, do cotidiano, seguindo os passos de Manuel Bandeira – “Poeta, pai, áspero irmão”.

Como diplomata resolveu dar novo giro: embrenhou-se de vez pela canção popular. Afinal, desde os 15 anos guardava composições como “Loura ou morena” e “Canção da noite”. “Não tive a coragem do Vinicius”, confessou certa vez, acanhado, o poeta Pablo Neruda. “Era o que eu mais gostaria de ter feito: letras de música. Mas tive medo de que me desprezassem.” Sem dar a mínima para o pudor purista do amigo chileno, Vinicius de Moraes – sempre acompanhado de seu “cachorro engarrafado”, o uísque – passou a colecionar parcerias musicais. Sua parceria com Tom Jobim – iniciada em 1956 para a composição da trilha sonora de “Orfeu da Conceição” – e o violão de João Gilberto foram os responsáveis por uma das maiores guinadas da canção popular brasileira, a Bossa Nova. Depois de Tom Jobim, completou sua “Santíssima Trindade” – como gostava de brincar – com Carlos Lyra e Baden Powell. O *amém*, dizia, ficou por conta de Toquinho, parceiro que o acompanhou até o dia de sua morte.

Camarada, boêmio, personagem da noite, o poeta tornou-se, enfim, o artista do encontro, um alquimista de linguagens, feiticeiro da cultura. “Ando onde há espaço/Meu tempo é quando.” Filho de Oxalá, viveu o amor como religião e a religiosidade como erotismo, com a devoção de quem sabe que “a vida só se dá pra quem se deu”. Poeta de veredas, despiu-se do absoluto e ousou explorar os campos da literatura, da canção, do teatro e do cinema, animado por uma única certeza: “amava era amar”.



Vinicius de Moraes, 05/03/1970, Buenos Aires, Argentina. Revista *Gente y la actualidad*, año 5, n.241. Foto de Ricardo Alfieri. Fonte: Domínio Público/Wikimedia Commons.

Vinicius de Moraes tornou-se conhecido como o “poeta da paixão”, mas de maneira alguma se reduziu a esta classificação. Musicou a poesia, poetou a música, filmou a literatura e fez Orfeu e Eurídice sambarem em um morro do Rio de Janeiro. Mais do que apenas poeta renomado ou mestre letrista, Vinicius foi um alquimista da cultura brasileira.

Meu tempo é quando: as personas poéticas de Vinicius de Moraes

Em sua trajetória, Vinicius de Moraes assumiu diferentes personas poéticas. Por essa razão, a reflexão sobre a poesia e o lugar do poeta no mundo não poderia deixar ser um dos temas centrais em sua obra. Poeta diplomata, poetinha, poeta da paixão. Mente aberta e irrequieta, nunca hesitou em mudar de percursos, seguir novos rumos, tanto na vida quanto na arte. Seus versos não se prenderam nem mesmo aos livros, ao papel. Sem pensar duas vezes, mergulhou no universo das canções. Passou a ser também o poeta de Orfeu da Conceição, da Bossa Nova, da União dos Estudantes, dos afro-sambas, da ternura pelos temas infantis, do afeto pelas coisas cotidianas. Sua poesia não se resumiu ao ofício de criar poemas e letras para canções. Ele foi talvez o único que ousou viver a poesia em estado natural e tempo integral. Fez de sua própria vida uma existência literária. Foi, acima de tudo, um “poeta aprendiz”.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Poética

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
— Meu tempo é quando.

Poética II

Com as lágrimas do tempo
E a cal do meu dia
Eu fiz o cimento
Da minha poesia.

E na perspectiva
Da vida futura
Ergui em carne viva
Sua arquitetura.

Não sei bem se é casa
Se é torre ou se é templo:
(Um templo sem Deus.)

Mas é grande e clara
Pertence ao seu tempo
- Entrai, irmãos meus!

Como dizia o poeta

Compositores: Vinicius de Moraes; Toquinho

Intérpretes: Vinicius de Moraes; Toquinho

Data: 1971

Quem já passou

Por esta vida e não viveu

Pode ser mais, mas sabe menos do que eu

Porque a vida só se dá

Pra quem se deu

Pra quem amou, pra quem chorou

Pra quem sofreu, ai

Quem nunca curtiu uma paixão

Nunca vai ter nada, não

Não há mal pior

Do que a descrença

Mesmo o amor que não compensa

É melhor que a solidão

Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair

Pra que somar se a gente pode dividir?

Eu francamente já não quero nem saber

De quem não vai porque tem medo de sofrer

Ai de quem não rasga o coração

Esse não vai ter perdão

O poeta aprendiz

Compositores: Vinicius de Moraes; Toquinho

Intérpretes: Vinicius de Moraes; Toquinho

Data: 1971

Ele era um menino
Valente e caprino
Um pequeno infante
Sadio e grimpante.
Anos tinha dez
E asinhas nos pés
Com chumbo e bodoque
Era plic e ploc.
O olhar verde-gaio
Parecia um raio
Para tangerina
Pião ou menina.
Seu corpo moreno
Vivia correndo
Pulava no escuro
Não importa que muro
E caía exato
Como cai um gato.
No diabolô
Que bom jogador
Bilboquê então
Era plim e plão.
Saltava de anjo
Melhor que marmanjo

E dava o mergulho
Sem fazer barulho.
No fundo do mar
Sabia encontrar
Estrelas, ouriços
E até deixa-dissos.
Às vezes nadava
Um mundo de água
E não era menino
Por nada mofino
Sendo que uma vez
Embolou com três.
Sua coleção
De achados do chão
Abundava em conchas
Botões, coisas tronchas
Seixos, caramujos
Marulhantes, cujos
Colocava ao ouvido
Com ar entendido
Rolhas, espoletas
E malacachetas
Cacos coloridos
E bolas de vidro
E dez pelo menos
Camisas-de-vênus.
Em gude de bilha
Era maravilha
E em bola de meia

Jogando de meia -
Direita ou de ponta
Passava da conta
De tanto driblar.
Amava era amar.
Amava sua ama
Nos jogos de cama
Amava as criadas
Varrendo as escadas
Amava as gurias
Da rua, vadias
Amava suas primas
Levadas e opimas
Amava suas tias
De peles macias
Amava as artistas
Das cine-revistas
Amava a mulher
A mais não poder.
Por isso fazia
Seu grão de poesia
E achava bonita
A palavra escrita.
Por isso sofria.
Da melancolia
De sonhar o poeta
Que quem sabe um dia
Poderia ser.



Vinicius de Moraes nas filmagens de *Orfeu Negro*, c.1950. Copyright © by V.M. Empreendimentos Artísticos e Culturais LTDA.

“Vou ao cinema da mesma forma que ando, como respiro e durmo”. Além da poesia, outra grande paixão de Vinicius de Moraes foi o cinema. Filiado ao *Chaplin Club*, começou a escrever críticas ainda na década de 1930 e não parou mais.

A noite como momento erótico da criação

Filha de *Kháos* na teogonia grega, a Noite (*Nýks*) constitui o momento original de criação do Cosmos e, portanto, é condição básica para manifestação de *Eros* – energia poética, força animadora da beleza e riqueza do mundo. Erótica, a noite aparece na obra de Vinicius de Moraes como revelação da vida. De natureza materna, ela carrega o potencial de possibilidades desconhecidas. As mesmas que esperam quem as procure e, na busca pelo vigor da potência da noite, tenha a coragem de experimentá-las. É verdade que, em sua biografia, Vinicius de Moraes encarnou a própria agitação de um tipo específico de noite: aquela musical, festiva, tumultuada. “De manhã escureço/De dia tardo/De tarde anoiteço/De noite ardo”. Mas é como se através de seus amores, decepções e porres, a noite se lembrasse daquela origem caótica para, na forma de poesia, dar lugar ao impulso criativo da palavra.

SELEÇÃO DE TRECHOS

A máscara da noite

Sim, essa tarde conhece todos os meus pensamentos
Todos os meus segredos e todos os meus patéticos anseios
Sob esse céu como uma visão azul de incenso
As estrelas são perfumes passados que me chegam...

Sim! essa tarde que eu não conheço é uma mulher que me chama
E eis que é uma cidade apenas, uma cidade dourada de astros
Aves, folhas silenciosas, sons perdidos em cores
Nuvens como velas abertas para o tempo...

Não sei, toda essa evocação perdida, toda essa música perdida
É como um pressentimento de inocência, como um apelo...
Mas para que buscar se a forma ficou no gesto esvanecida
E se a poesia ficou dormindo nos braços de outrora...

Como saber se é tarde, se haverá manhã para o crepúsculo
Nesse entorpecimento, neste filtro mágico de lágrimas?
Orvalho, orvalho! desce sobre os meus olhos, sobre o meu sexo
Faz-se surgir diamante dentro do sol!

Lembro-me!... como se fosse a hora da memória
Outras tardes, outras janelas, outras criaturas na alma
O olhar abandonado de um lago e o frêmito de um vento
Seios crescendo para o poente como salmos...

Oh, a doce tarde! Sobre mares de gelo ardentes de revérbero
Vagam placidamente navios fantásticos de prata
E em grandes castelos cor de ouro, anjos azuis serenos
Tangem sinos de cristal que vibram na imensa transparência!

Eu sinto que essa tarde está me vendo, que essa serenidade está me vendo
Que o momento da criação está me vendo neste instante doloroso
de sossego em mim mesmo
Oh criação que estás me vendo, surge e beija-me os olhos
Afaga-me os cabelos, canta uma canção para eu dormir!

És bem tu, máscara da noite, com tua carne rósea
Com teus longos xales campestres e com teus cânticos
És bem tu! ouço teus faunos pontilhando as águas de sons de flautas
Em longas escalas cromáticas fragrantas...

Ah, meu verso tem palpitações dulcíssimas! — primaveras!
Sonhos bucólicos nunca sonhados pelo desespero
Visões de rios plácidos e matas adormecidas
Sobre o panorama crucificado e monstruoso dos telhados!

Por que vens, noite? por que não adormeces o teu crepe
Por que não te esvais — espectro — nesse perfume tenro de rosas?
Deixa que a tarde envolva eternamente a face dos deuses
Noite, dolorosa noite, misteriosa noite!

Oh tarde, máscara da noite, tu és a presciência
Só tu conheces e acolhes todos os meus pensamentos
O teu céu, a tua luz, a tua calma
São a palavra da morte e do sonho em mim!

Vazio

A noite é como um olhar longo e claro de mulher.
Sinto-me só.
Em todas as coisas que me rodeiam
Há um desconhecimento completo da minha infelicidade.
A noite alta me espia pela janela
E eu, desamparado de tudo, desamparado de mim próprio
Olho as coisas em torno
Com um desconhecimento completo das coisas que me rodeiam.

Vago em mim mesmo, sozinho, perdido
Tudo é deserto, minha alma é vazia
E tem o silêncio grave dos templos abandonados.
Eu espio a noite pela janela
Ela tem a quietação maravilhosa do êxtase.
Mas os gatos embaixo me acordam gritando luxúrias
E eu penso que amanhã...
Mas a gata vê na rua um gato preto e grande
E foge do gato cinzento.

Eu espio a noite maravilhosa
Estranha como um olhar de carne.
Vejo na grade o gato cinzento olhando os amores da gata e do gato preto
Perco-me por momentos em antigas aventuras
E volto à alma vazia e silenciosa que não acorda mais
Nem à noite clara e longa como um olhar de mulher
Nem aos gritos luxuriosos dos gatos se amando na rua.

Imitação de Rilke

Alguém que me espia do fundo da noite
Com olhos imóveis brilhando na noite
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite
(Mulher que me ama, perdida na noite?)
Me chama.

Alguém que me espia do fundo da noite
(És tu, Poesia, velando na noite?)
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite
(Também chega a Morte dos ermos da noite...)
Quem é?

A flor da noite

Compositores: Vinicius de Moraes; Toquinho

Intérpretes: Vinicius de Moraes; Toquinho

Data: 1971

Na solidão escura

Do velho Pelourinho

Matilde, a louca mansa

Vivia mercando assim:

Olha a flor da noite ...

Olha a flor da noite ...

Seria a flor da noite

A luz da estrela solitária

A tremular tão pura

Sobre o velho Pelourinho?

Ou o som da voz ausente

Da menina triste

Que mercava o seu triste descaminho:

Olha a flor da noite ...

Olha a flor da noite ...

Ou seria a flor da noite
A face oculta atrás da aurora
Por quem o homem luta
Desde nunca até agora
A louca aprisionada
Pelos monstros do poente
E que avisa e grita alucinadamente:
Olha a flor da noite ...
Olha a flor da noite ...

Foto de cartaz do espetáculo “Pobre Menina Rica”, 1963.
Copyright © by V.M. Empreendimentos Artísticos e Culturais LTDA.

Vinicius de Moraes foi um dos fundadores da Bossa Nova na década de 1950. Em 1963, aproximou-se ainda mais da nova geração de artistas e estreou o espetáculo musical “Pobre Menina Rica”, ao lado de Nara Leão e Carlos Lyra.



O mar é rua; a praia, encruzilhada: o poeta e a cidade

O poeta moderno retrata o cotidiano da cidade por meio das ruas. Vinicius de Moraes cantou a cidade através do mar. Mas não se trata daquele mundo de água ondulante que engole e, no limite, se confunde com os pescadores de Dorival Caimmy. É certo que para Vinicius “a vida vem em ondas como o mar”. Acontece que seu olhar é antes de tudo praiano. A faixa de areia que separa o asfalto da espuma salgada é o cenário ideal para contemplar a bela mulher que passa, o barquinho da bossa nova ou mesmo “sentir preguiça no corpo/e numa esteira de vime/tomar uma água de coco”. A praia, portanto, é o ponto por excelência do encontro: seja o encontro exuberante entre céu, água e terra; seja o mundano encontro dos homens. Não por acaso, foi onde o poeta teve sua primeira experiência amorosa.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Rosário

E eu que era um menino puro
Não fui perder minha infância
No mangue daquela carne!
Dizia que era morena
Sabendo que era mulata
Dizia que era donzela
Nem isso não era ela
Era uma moça que dava.
Deixava... mesmo no mar
Onde se fazia em água
Onde de um peixe que era
Em mil se multiplicava
Onde suas mãos de alga
Sobre meu corpo boiavam
Trazendo à tona águas-vivas
Onde antes não tinha nada.
Quanto meus olhos não viram
No céu da areia da praia
Duas estrelas escuras
Brilhando entre aquelas duas
Nebulosas desmanchadas
E não beberam meus beijos
Aqueles olhos noturnos
Luzindo de luz parada

Na imensa noite da ilha!
Era minha namorada
Primeiro nome de amada
Primeiro chamar de filha...
Grande filha de uma vaca!
Como não me seduzia
Como não me alucinava
Como deixava, fingindo
Fingindo que não deixava!
Aquela noite entre todas
Que cica os cajus! travavam!
Como era quieto o sossego
Cheirando a jasmim-do-cabo!
Lembro que nem se mexia
O luar esverdeado
Lembro que longe, nos longes
Um gramofone tocava
Lembro dos seus anos vinte
Junto aos meus quinze deitados
Sob a luz verde da lua.
Ergueu a saia de um gesto
Por sobre a perna dobrada
Mordendo a carne da mão
Me olhando sem dizer nada
Enquanto jazente eu via
Como uma anêmona na água
A coisa que se movia
Ao vento que a farfalhava.
Toquei-lhe a dura pevide

Entre o pêlo que a guardava
Beijando-lhe a coxa fria
Com gosto de cana brava.
Senti à pressão do dedo
Desfazer-se desmanchada
Como um dedal de segredo
A pequenina castanha
Gulosa de ser tocada.
Era uma dança morena
Era uma dança mulata
Era o cheiro de amarugem
Era a lua cor de prata
Mas foi só naquela noite!
Passava dando risada
Carregando os peitos loucos
Quem sabe para quem, quem sabe?
Mas como me seduzia
A negra visão escrava
Daquele feixe de águas
Que sabia ela guardava
No fundo das coxas frias!
Mas como me desbragava
Na areia mole e macia!
A areia me recebia
E eu baixinho me entregava
Com medo que Deus ouvisse

Os gemidos que não dava!
Os gemidos que não dava...
Por amor do que ela dava
Aos outros de mais idade
Que a carregaram da ilha
Para as ruas da cidade
Meu grande sonho da infância
Angústia da mocidade.

Balada da praia do vidigal

A lua foi companheira
Na praia do Vidigal
Não surgiu, mas mesmo oculta
Nos recordou seu luar
Teu ventre de maré cheia
Vinha em ondas me puxar
Eram-me os dedos de areia
Eram-te os lábios de sal.

Na sombra que ali se inclina
Do rochedo em miramar
Eu soube te amar, menina
Na praia do Vidigal...
Havia tanto silêncio
Que para o desencantar
Nem meus clamores de vento
Nem teus soluços de água.
Minhas mãos te confundiam
Com a fria areia molhada
Vencendo as mãos dos alísios
Nas ondas da tua saia.
Meus olhos baços de brumas
Junto aos teus olhos de alga
Viam-te envolta de espumas
Como a menina afogada.
E que doçura entregar-me
Àquela mole de peixes

Cegando-te o olhar vazio
Com meu cardume de beijos!
Muito lutamos, menina
Naquele pego selvagem
Entre areias assassinas
Junto ao rochedo da margem.
Três vezes submergiste
Três vezes voltaste à flor
E te afogaras não fossem
As redes do meu amor.
Quando voltamos, a noite
Parecia em tua face
Tinhas vento em teus cabelos
Gotas d'água em tua carne.
No verde lençol da areia
Um marco ficou cravado
Moldando a forma de um corpo
No meio da cruz de uns braços.
Talvez que o marco, criança
Já o tenha lavado o mar
Mas nunca leva a lembrança
Daquela noite de amores
Na praia do Vidigal.

Balada das meninas de bicicleta

Meninas de bicicleta
Que fagueiras pedalais
Quero ser vosso poeta!
Ó transitórias estátuas
Esfuziantes de azul
Louras com peles mulatas
Princesas da zona sul:
As vossas jovens figuras
Retesadas nos selins
Me prendem, com serem puras
Em redondilhas afins.
Que lindas são vossas quilhas
Quando as praias abordais!
E as nervosas panturrilhas
Na rotação dos pedais:
Que douradas maravilhas!
Bicicletai, menina
Aos ventos do Arpoador
Solta a flâmula agitada
Das cabeleiras em flor
Uma correndo à gandaia
Outra com jeito de séria
Mostrando as pernas sem saia
Feitas da mesma matéria.
Permanecei! vós que sois
O que o mundo não tem mais
Juventude de maiôs

Sobre máquinas da paz
Enxames de namoradas
Ao sol de Copacabana
Centauresas transpiradas
Que o leque do mar abana!
A vós o canto que inflama
Os meus trint'anos, meninas
Velozes massas em chama
Explodindo em vitaminas.
Bem haja a vossa saúde
À humanidade inquieta
Vós cuja ardente virtude
Preservais muito amiúde
Com um selim de bicicleta
Vós que levais tantas raças
Nos corpos firmes e crus:
Meninas, soltai as alças
Bicicletai seios nus!
No vosso rastro persiste
O mesmo eterno poeta
Um poeta - essa coisa triste
Escravizada à beleza
Que em vosso rastro persiste,
Levando a sua tristeza
No quadro da bicicleta.

Garota de Ipanema

Compositores: Vinicius de Moraes; Tom Jobim

Intérprete: Os cariocas

Data:1963

Olha que coisa mais linda

Mais cheia de graça

É ela menina

Que vem e que passa

Num doce balanço

A caminho do mar

Moça do corpo dourado

Do sol de Ipanema

O seu balançado é mais que um poema

É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho?

Ah, por que tudo é tão triste?

Ah, a beleza que existe

A beleza que não é só minha

Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse

Que quando ela passa

O mundo inteirinho se enche de graça

E fica mais lindo

Por causa do amor

Tarde em Itapuã

Compositores: Vinicius de Moraes; Toquinho

Intérpretes: Vinicius de Moraes; Toquinho

Data: 1971

Um velho calção de banho
O dia pra vadiar
Um mar que não tem tamanho
E um arco-íris no ar
Depois na praça Caymmi
Sentir preguiça no corpo
E numa esteira de vime
Beber uma água de coco

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

Enquanto o mar inaugura
Um verde novinho em folha
Argumentar com doçura
Com uma cachaça de rolha
E com o olhar esquecido
No encontro de céu e mar
Bem devagar ir sentindo
A terra toda a rodar

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

Depois sentir o arrepio
Do vento que a noite traz
E o diz-que-diz-que macio
Que brota dos coqueirais
E nos espaços serenos
Sem ontem nem amanhã
Dormir nos braços morenos
Da lua de Itapuã

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim, c.1951. Copyright © by V.M. Empreendimentos Artísticos e Culturais LTDA.

Uma prática acompanhou Vinicius de Moraes durante boa parte de sua vida: realizar criações em parceria. Tudo começou quando compôs a trilha sonora da peça “Orfeu da Conceição” ao lado do maestro Tom Jobim, em 1956. Momento em que mergulhou de vez no universo da canção popular.



Entre a paixão profana e o amor divino: a utopia do amor total em Vinicius de Moraes

Foi no século XVI que o sonetista Luís de Camões estabeleceu uma das mais belas definições do amor que há na língua portuguesa: “Amor é fogo que arde sem se ver”. Sem arredar o pé dessa tradição lírica, Vinicius de Moraes, contudo, deu um passo na direção de outra definição. Sim: amor “é ferida que dói e não se sente/é um contentamento descontente/é dor que desatina sem doer”. Acontece que, antes de tudo, amor é chama. Ao modificar a perspectiva sobre o lugar conferido pela poesia a sentimento tão nobre, o poeta cantou – e viveu – a intensidade do amor em sua variante mais mundana: a paixão, essa experiência vertiginosa, deslumbrante, que dá sensação de eternidade, mas que, como tudo no mundo dos homens, “de repente, não mais que de repente” acaba. Sabendo, portanto, desse traço efêmero do amor, Vinicius de Moraes tratou de querer “vivê-lo a cada vão momento”, com o tom solene de uma religião, “dentro da eternidade e a

cada instante". Mas, diante do medo da solidão – "fim de que ama" –, o poeta da paixão também tem lá sua utopia: a do amor total, "a esperança divina/de amar em paz..."; um grande amor, calmo, sereno, que, de amar mais do que pode, resista ao tempo dos homens até se deparar com o instante irremediável da morte, o salto para o eterno absoluto.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Soneto de contrição

Eu te amo, Maria, eu te amo tanto
Que o meu peito me dói como em doença
E quanto mais me seja a dor intensa
Mais cresce na minha alma teu encanto.

Como a criança que vagueia o canto
Ante o mistério da amplidão suspensa
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa.

Não é maior o coração que a alma
Nem melhor a presença que a saudade
Só te amar é divino, e sentir calma...

E é uma calma tão feita de humildade
Que tão mais te soubesse pertencida
Menos seria eterno em tua vida.

Soneto de inspiração

Não te amo como uma criança, nem
Como um homem e nem como um mendigo
Amo-te como se ama todo o bem
Que o grande mal da vida traz consigo.

Não é nem pela calma que me vem
De amar, nem pela glória do perigo
Que me vem de te amar, que te amo; digo
Antes que por te amar não sou ninguém.

Amo-te pelo que és, pequena e doce
Pela infinita inércia que me trouxe
A culpa é de te amar — soubesse eu ver

Através da tua carne defendida
Que sou triste demais para esta vida
E que és pura demais para sofrer.

Soneto de fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Monólogo de Orfeu

Mulher mais adorada!
Agora que não estás, deixa que rompa
O meu peito em soluços! Te enrustiste
Em minha vida; e cada hora que passa
É mais por que te amar, a hora derrama
O seu óleo de amor, em mim, amada...
E sabes de uma coisa? Cada vez
Que o sofrimento vem, essa saudade
De estar perto, se longe, ou estar mais perto
Se perto, - que é que eu sei! Essa agonia
De viver fraco, o peito extravasado
O mel correndo; essa incapacidade
De me sentir mais eu, Orfeu; tudo isso
Que é bem capaz de confundir o espírito
De um homem - nada disso tem importância
Quando tu chegas com essa charla antiga
Esse contentamento, essa harmonia
Esse corpo! E me dizes essas coisas
Que me dão essa força, essa coragem
Esse orgulho de rei. Ah, minha Eurídice
Meu verso, meu silêncio, minha música!
Nunca fujas de mim! Sem ti sou nada
Sou coisa sem razão, jogada, sou
Pedra rolada. Orfeu menos Eurídice...
Coisa incompreensível! A existência
Sem ti é como olhar para um relógio
Só com o ponteiro dos minutos. Tu
És a hora, és o que dá sentido

E direção ao tempo, minha amiga
Mais querida! Qual mãe, qual pai, qual nada!
A beleza da vida és tu, amada
Milhões amada! Ah! Criatura! Quem
Poderia pensar que Orfeu: Orfeu
Cujo violão é a vida da cidade
E cuja fala, como o vento à flor
Despetala as mulheres - que ele, Orfeu
Ficasse assim rendido aos teus encantos!
Mulata, pele escura, dente branco
Vai teu caminho que eu vou te seguindo
No pensamento e aqui me deixo rente
Quando voltares, pela lua cheia
Para os braços sem fim do teu amigo!
Vai tua vida, pássaro contente
Vai tua vida que estarei contigo!
Vai tua vida
Teu caminho é de paz e amor
A tua vida
É uma linda canção de amor
Abre os teus braços e canta a última esperança
A esperança divina
De amar em paz...
Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver!
Uma canção pelo ar
Uma mulher a cantar
Uma cidade a cantar
A sorrir, a cantar, a pedir
A beleza de amar...

Soneto do amor total

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Para viver um grande amor

Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito
siso, muita seriedade
e pouco riso - para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só mu-
lher; pois ser de
muitas, poxa! é de colher... - não tem nenhum valor.

Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro e
ser de sua dama por inteiro - seja lá como for. Há que fazer do corpo
uma morada onde clausure-se a mulher amada e postar-se de fora
com uma espada - para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, vos digo, é preciso atenção como o “velho
amigo”, que porque é só vos quer sempre consigo para iludir o grande
amor. É preciso muitíssimo cuidado com quem quer que não esteja
apaixonado, pois quem não está, está sempre preparado pra chatear
o grande amor.

Para viver um grande amor, na realidade, há que compenetrar-se da
verdade de que não existe amor sem fieldade - para viver um grande
amor. Pois quem trai seu amor por vanidade é um desconhecedor
da liberdade, dessa imensa, indizível liberdade que traz um só amor.

Para viver um grande amor, il faut além de fiel, ser bem conhecedor
de arte culinária e de judô - para viver um grande amor.

Para viver um grande amor perfeito, não basta ser apenas bom sujeito; é preciso também ter muito peito - peito de remador. É preciso olhar sempre a bem-amada como a sua primeira namorada e sua viúva também, amortalhada no seu finado amor.

É muito necessário ter em vista um crédito de rosas no florista - muito mais, muito mais que na modista! - para aprazer ao grande amor. Pois do que o grande amor quer saber mesmo, é de amor, é de amor, de amor a esmo; depois, um tutuzinho com torresmo conta ponto a favor...

Conta ponto saber fazer coisinhas: ovos mexidos, camarões, sopinhas, molhos, strogonoffs - comidinhas para depois do amor. E o que há de melhor que ir pra cozinha e preparar com amor uma galinha com uma rica, e gostosa, farofinha, para o seu grande amor?

Para viver um grande amor é muito, muito importante viver sempre junto e até ser, se possível, um só defunto - pra não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente, pois qualquer "baixo" seu, a amada sente - e esfria um pouco o amor. Há que ser bem cortês sem cortesia; doce e conciliador sem covardia; saber ganhar dinheiro com poesia - para viver um grande amor.

É preciso saber tomar uísque (com o mau bebedor nunca se arrisque!) e ser impermeável ao diz-que-diz-que - que não quer nada com o amor.

Mas tudo isso não adianta nada, se nesta selva escura e desvairada não se souber achar a bem-amada - para viver um grande amor.

Soneto da hora final

Será assim, amiga: um certo dia
Estando nós a contemplar o poente
Sentiremos no rosto, de repente
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente
E eu te olharei também, com nostalgia
E partiremos, tontos de poesia
Para a porta de treva aberta em frente.

Ao transpor as fronteiras do Segredo
Eu, calmo, te direi: — Não tenhas medo
E tu, tranquila, me dirás: — Sê forte.

E como dois antigos namorados
Noturnamente triste e enlaçados
Nós entraremos nos jardins da morte.

Poema de aniversário

Porque fizeste anos, Bem-Amada, e a asa do tempo roçou teus cabelos negros, e teus grandes olhos calmos miraram por um momento o inescrutável Norte...

Eu quisera dar-te, ademais dos beijos e das rosas, tudo o que nunca foi dado por um homem à sua Amada, eu que tão pouco te posso ofertar. Quisera dar-te, por exemplo, o instante em que nasci, marcado pela fatalidade de tua vinda. Verias, então, em mim, na transparência do meu peito, a sombra de tua forma anterior a ti mesma.

Quisera dar-te também o mar onde nadei menino, o tranqüilo mar de ilha em que perdia e em que mergulhava, e de onde trazia a forma elementar de tudo o que existe no espaço acima - estrelas mortas, meteoritos submersos, o plancto das galáxias, a placenta do Infinito.

E mais, quisera dar-te as minhas loucas carreiras à toa, por certo em premonitória busca de teus braços, e a vontade de grimpar tudo de alto, e transpor tudo de proibido, e os elásticos saltos dançarinos para alcançar folhas, aves, estrelas - e a ti mesma, luminosa Lucina, e derramar claridade em mim menino.

Ah, pudesse eu dar-te o meu primeiro medo e a minha primeira coragem; o meu primeiro medo à treva e a minha primeira coragem de enfrentá-la, e o primeiro arrepio sentido ao ser tocado de leve pela mão invisível da Morte.

E o que não daria eu para ofertar-te o instante em que, jazente e sozinho no mundo, enquanto soava em prece o cantochão da noite, vi tua forma emergir do meu flanco, e se esforçar, imensa ondina arquejante, para se desprender de mim; e eu te pari gritando, em meio a temporais desencadeados, roto e imundo do pó da terra.

Gostaria de dar-te, Namorada, aquela madrugada em que, pela primeira vez, as brancas moléculas do papel diante de mim dilataram-se ante o mistério da poesia subitamente incorporada; e dá-la com tudo o que nela havia de silencioso e inefável - o pasmo das estrelas, o mudo assombro das casas, o murmúrio místico das árvores a se tocarem sob a Lua.

E também o instante anterior à tua vinda, quando, esperando-te chegar, lembrei-te adolescente naquela mesma cidade em que te reencontrava anos depois; e a certeza que tive, ao te olhar, da fatalidade insigne do nosso encontro, e de que eu estava, de um só golpe, perdido e salvo.

Quisera dar-te, sobretudo, Amada minha, o instante da minha morte; e que ele fosse também o instante da tua morte, de modo que nós, por tanto tempo em vida separados, vivêssemos em nosso decesso uma só eternidade; e que nossos corpos fossem embalsamados e sepultados juntos e acima da terra; e que todos aqueles que ainda se vão amar pudessem ir mirar-nos em nosso último leito; e que sobre nossa lápide comum jazesse a estátua de um homem parindo uma mulher do seu flanco; e que nela houvesse apenas, como epitáfio, estes versos finais de uma canção que te dediquei:

...dorme, que assim
dormirás um dia
na minha poesia
de um sono sem fim...

Minha namorada

Compositores: Vinicius de Moraes, Carlos Lyra

Intérprete: Nara Leão

Data: 1965

Se você quer ser minha namorada

Ah, que linda namorada

Você poderia ser

Se quiser ser somente minha

Exatamente essa coisinha

Essa coisa toda minha

Que ninguém mais pode ser

Você tem que me fazer um juramento

De só ter um pensamento

Ser só minha até morrer

E também de não perder esse jeitinho

De falar devagarinho

Essas histórias de você

E de repente me fazer muito carinho

E chorar bem de mansinho

Sem ninguém saber por quê

Porém, se mais do que minha namorada

Você quer ser minha amada

Minha amada, mas amada pra valer

Aquela amada pelo amor predestinada

Sem a qual a vida é nada

Sem a qual se quer morrer

Você tem que vir comigo em meu caminho
E talvez o meu caminho seja triste pra você
Os seus olhos têm que ser só dos meus olhos
Os seus braços o meu ninho
No silêncio de depois
E você tem que ser a estrela derradeira
Minha amiga e companheira
No infinito de nós dois

Eu sei que vou te amar

Compositores: Vinicius de Moraes

Intérprete: Maysa

Data: 1959

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida, eu vou te amar
Em cada despedida, eu vou te amar
Desesperadamente
Eu sei que vou te amar

E cada verso meu será
Pra te dizer
Que eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida

Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua, eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta tua ausência me causou

Eu sei que vou sofrer
A eterna desventura de viver
À espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida

Pela luz dos olhos teus

Compositores: Vinicius de Moraes

Intérprete: Vinicius de Moraes

Data: 1960

Quando a luz dos olhos meus
E a luz dos olhos teus
Resolvem se encontrar
Ai, que bom que isso é, meu Deus
Que frio que me dá

O encontro desse olhar
Mas se a luz dos olhos teus
Resiste aos olhos meus
Só pra me provocar
Meu amor, juro por Deus
Me sinto incendiar

Meu amor, juro por Deus
Que a luz dos olhos meus
Já não pode esperar
Quero a luz dos olhos meus
Na luz dos olhos teus
Sem mais lalarará

Pela luz dos olhos teus
Eu acho, meu amor
E só se pode achar
Que a luz dos olhos meus
Precisa se casar



Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes, c.1940.
Copyright ©by V.M. Empreendimentos Artísticos
e Culturais LTDA.

“Poeta, pai, áspero irmão”. Foi assim que Vinicius de Moraes definiu o poeta modernista Manuel Bandeira: influência decisiva para a escrita de uma poesia mais próxima do mundo material e do cotidiano.

“Mas quem é essa misteriosa?”: a mulher na poesia de Vinicius de Moraes

Certa vez, ao comentar o giro dado por sua poesia na direção do cotidiano, Vinicius de Moraes confessou: “Fui salvo pela mulher”. O poeta não poderia estar mais certo. Isto porque Vinicius só se aproximou do seu grande tema – o amor – e se tornou o “poeta da paixão” por intermédio da amada. Ao mesmo tempo em que é alçada a objeto do amor mais solene, também é puro mistério, o *outro* em sua plenitude, como luz e treva. Fugidia, “como a onda sozinha correndo distante das praias”. O poeta ama, mas não conhece. Ou melhor: só ama *porque sabe que* não conhece. Daí a sempre presente questão: “mas quem é essa misteriosa?” cujo desejo desesperado de conhecer é expresso no insistente “é preciso” do poema “Receita de mulher” e a inutilidade desse esforço ressoa no intrigante “sei lá” do poema “O astronauta”. Recorrente *topos* na escrita de Vinicius de Moraes cabe a ela “seu pesar ou seu contentamento”. A forma encarnada de sua utopia do amor total. Pois, “tudo isso não adianta nada, se nesta selva escura e desvairada não se souber achar a bem-amada – para viver um grande amor.”

A brusca poesia da mulher amada

Longe dos pescadores os rios infindáveis vão morrendo de sede lentamente...

Eles foram vistos caminhando de noite para o amor — oh, a mulher amada é como a fonte!

A mulher amada é como o pensamento do filósofo sofrendo
A mulher amada é como o lago dormindo no cerro perdido
Mas quem é essa misteriosa que é como um círio crepitando no peito?
Essa que tem olhos, lábios e dedos dentro da forma inexistente?

Pelo trigo a nascer nas campinas de sol a terra amorosa elevou a face pálida dos lírios
E os lavradores foram se mudando em príncipes de mãos finas e rostos transfigurados...

Oh, a mulher amada é como a onda sozinha correndo distante das praias Pousada no fundo estará a estrela, e mais além.

Poema para todas as mulheres

No teu branco seio eu choro.
Minhas lágrimas descem pelo teu ventre
E se embebedam do perfume do teu sexo.
Mulher, que máquina és, que só me tens desesperado
Confuso, criança para te conter!
Oh, não feches os teus braços sobre a minha tristeza não!
Ah, não abandones a tua boca à minha inocência, não!
Homem sou belo
Macho sou forte, poeta sou altíssimo
E só a pureza me ama e ela é em mim uma cidade e tem mil e uma
portas.
Ai! teus cabelos recendem à flor da murta
Melhor seria morrer ou ver-te morta
E nunca, nunca poder te tocar!
Mas, fauno, sinto o vento do mar roçar-me os braços
Anjo, sinto o calor do vento nas espumas
Passarinho, sinto o ninho nos teus pelos...
Correi, correi, ó lágrimas saudosas
Afogai-me, tirai-me deste tempo
Levai-me para o campo das estrelas
Entregai-me depressa à lua cheia
Dai-me o poder vagaroso do soneto, dai-me a iluminação das odes,
dai-me o cântico dos cânticos
Que eu não posso mais, ai!
Que esta mulher me devora!
Que eu quero fugir, quero a minha mãezinha quero o colo de Nossa
Senhora!

A mulher que passa

Meu Deus, eu quero a mulher que passa.
Seu dorso frio é um campo de lírios
Tem sete cores nos seus cabelos
Sete esperanças na boca fresca!

Oh! como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicas
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pelos leves são relva boa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Como te adoro, mulher que passas
Que vens e passas, que me sacias
Dentro das noites, dentro dos dias!
Por que me faltas, se te procuro?
Por que me odeias quando te juro
Que te perdia se me encontravas
E me encontrava se te perdias?

Por que não voltas, mulher que passas?
Por que não enches a minha vida?
Por que não voltas, mulher querida
Sempre perdida, nunca encontrada?
Por que não voltas à minha vida?
Para o que sofro não ser desgraça?

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!
Eu quero-a agora, sem mais demora
A minha amada mulher que passa!

No santo nome do teu martírio
Do teu martírio que nunca cessa
Meu Deus, eu quero, quero depressa
A minha amada mulher que passa!

Que fica e passa, que pacífica
Que é tanto pura como devassa
Que boia leve como a cortiça
E tem raízes como a fumaça.

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro
minuto da aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como o âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar as pernas, e as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.

Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem
saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável
Que haja uma hipótese de barriguiinha, e em seguida
A mulher se alteia em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo
volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima
penugem
No entanto sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura
nunca inferior
A 37° centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras
Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.

Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que se se fechar os olhos
Ao abri-los ela não mais estará presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos
fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

Soneto de luz e treva

“Itapuã

Para a minha Gesse, e para que
ilumine sempre a minha noite “

Ela tem uma graça de pantera
No andar bem-comportado de menina.
No molejo em que vem sempre se espera
Que de repente ela lhe salte em cima.

Mas súbito renega a bela e a fera
Prende o cabelo, vai para a cozinha
E de um ovo estrelado na panela
Ela com clara e gema faz o dia.

Ela é de capricórnio, eu sou de libra
Eu sou o Oxalá velho, ela é Inhansã
A mim me enerva o ardor com que ela vibra

E que a motiva desde de manhã.
- Como é que pode, digo-me com espanto
A luz e a treva se quererem tanto...

Mulher, sempre mulher

Compositores: Tom Jobim, Vinicius de Moraes

Intérprete: Luiz Bonfá; Roberto Paiva

Data: 1956

Mulher, ai, ai, mulher

Sempre mulher

Dê no que der

Você me abraça, me beija, me xinga

Me bota mandinga

Depois faz a briga

Só pra ver quebrar

Mulher, seja leal

Você bota muita banca

Infelizmente eu não sou jornal

Mulher, martírio meu

O nosso amor

Deu no que deu

E sendo assim, não insista

Desista, vá fazendo a pista

Chore um bocadinho

E se esqueça de mim

Eu não existo sem você

Compositores: Tom Jobim, Vinicius de Moraes

Intérprete: Elizabeth Cardoso

Data: 1958

Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim
Que nada nesse mundo levará você de mim
Eu sei e você sabe que a distância não existe
Que todo grande amor só é bem grande se for triste
Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer
Pois todos os caminhos me encaminham pra você

Assim como o oceano só é belo com o luar
Assim como a canção só tem razão se se cantar
Assim como uma nuvem só acontece se chover
Assim como o poeta só é grande se sofrer
Assim como viver sem ter amor não é viver
Não há você sem mim, eu não existo sem você

O astronauta

Compositores: Vinicius de Moraes; Baden Powell

Intérprete: Odette Lara; Vinicius de Moraes

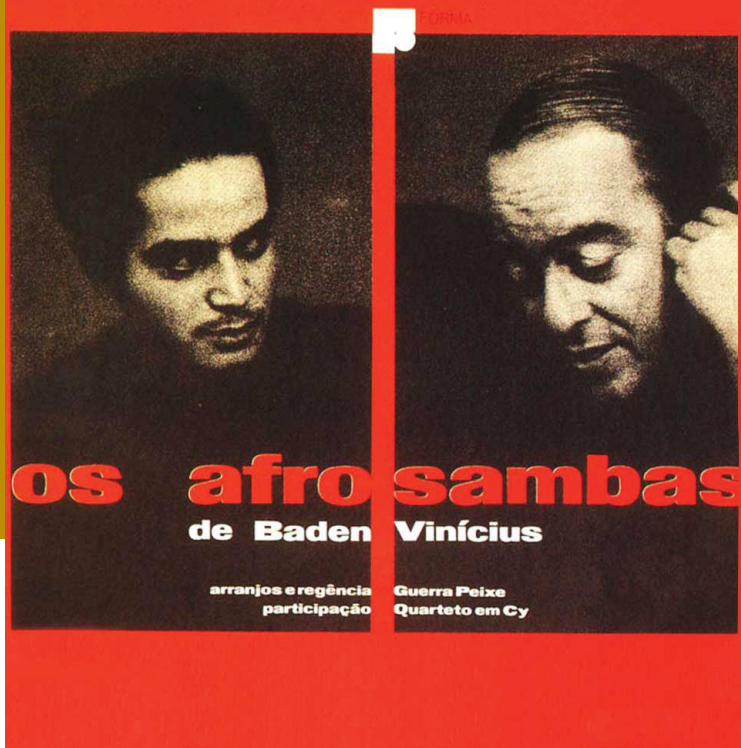
Data: 1963

Quando me pergunto
Se você existe mesmo, amor
Entro logo em órbita
No espaço de mim mesmo, amor

Será que por acaso
A flor sabe que é flor
E a estrela Vênus
Sabe ao menos
Porque brilha mais bonita, amor

O astronauta ao menos
Viu que a Terra é toda azul, amor
Isso é bom saber
Porque é bom morar no azul, amor

Mas você, sei lá
Você é uma mulher, sim
Você é linda porque é



Capa do LP *Os Afro-sambas*, Gravadora Forma, 1966. (32:42)

Uma das produções musicais mais conhecidas e aclamadas de Vinícius de Moraes foi produto também de uma parceria: “Os Afro-sambas”, álbum lançado em 1966, ao lado do violonista Baden Powell.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Quando escreveu sua “Advertência” em 1949 – texto que abre “Antologia poética” –, o poeta Vinicius de Moraes dividiu sua produção literária em duas fases: a primeira, que ele define como “transcendental, frequentemente mística”; e a segunda, caracterizada pela aproximação ao mundo material, ao cotidiano. O próprio Vinicius de Moraes fazia questão de lembrar que este giro na escrita, fundamental para a identidade de sua obra, havia seguido os passos de Manuel Bandeira – a quem, um dia, ele qualificou como “Poeta, pai, áspero irmão”.
- a) Com as cadeiras organizadas em semicírculo, o professor deverá propor aos alunos a leitura e acompanhamento dos seguintes poemas:

O último poema

Manuel Bandeira

Assim eu queria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos
intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais
límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Não comerei da alface a verde pétala

Vinicius de Moraes

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem maior aprouver fazer dieta.
Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.
Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Omnívoro: deem-me feijão com arroz
E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

- b) Após a leitura dos poemas, o professor irá discutir com os alunos as seguintes questões:

Quais seriam as possíveis relações e aproximações entre as duas poesias?

Como o cotidiano e as coisas simples parecem ser retratados especificamente nestas poesias de Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes?

Quais são as opiniões dos alunos sobre poemas que se voltam para coisas aparentemente banais do dia a dia?

- c) Feita a discussão acima, o professor irá apresentar aos alunos o seguinte vídeo, da canção “Cotidiano nº 2”, nas vozes de Vinicius de Moraes, Toquinho e Quarteto em Cy, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hc_VHjreHsQ

Cotidiano nº2

Compositores: Vinicius de Moraes; Toquinho

Intérprete: Vinicius de Moraes, Toquinho e Quarteto em Cy

Ano:1972

Hay dias que no sé lo que me pasa

Eu abro meu Neruda e apago o sol

Misturo poesia com cachaça

e acabo discutindo futebol

Mas não tem nada, não

Tenho o meu violão

Acordo de manhã, pão sem manteiga

E muito, muito sangue no jornal

Aí a criançada toda chega

E eu chego a achar Herodes natural

Mas não tem nada, não

Tenho o meu violão

Depois faço a loteca com a patroa

Quem sabe nosso dia vai chegar

E rio porque rico ri à toa

Também não custa nada imaginar

Mas não tem nada, não

Tenho o meu violão

Aos sábados em casa tomo um porre
E sonho soluções fenomenais
Mas quando o sono vem e a noite morre
O dia conta histórias sempre iguais

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão

Às vezes quero crer mas não consigo
É tudo uma total insensatez
Aí pergunto a Deus: escute, amigo
Se foi pra desfazer, por que é que fez?

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão

- d) Em seguida, o professor poderá propor aos alunos que escrevam uma poesia, um breve texto ou uma canção sobre alguma ação cotidiana (como comer, se vestir, ir à escola, escutar música etc.). Esta atividade deverá ser feita em grupos de 3 ou 4 alunos e não deve ser assinada.
- e) Após a escrita, o professor irá recolher os textos, redistribuir entre os alunos e pedir que cada grupo leia em voz alta e, por fim, faça suas considerações. Os alunos poderão apresentar suas produções em um sarau para toda a comunidade escolar.

2. Em uma crônica publicada em 1941 no jornal *A Manhã*, Vinicius de Moraes aliou duas de suas grandes paixões: poesia e cinema. Sob o título “Ritmo e poesia”, o poeta diplomata apresentou duas teorias para a produção de um roteiro, a do “ritmo” e a da “continuidade”. Tudo para afirmar que, enquanto a “primeira se aproxima, por assim dizer, da poesia, do valor lírico da imagem”, a “segunda, por seu lado, tem no romance um melhor ponto de comparação”. Concentrando sua análise na teoria do ritmo, Vinicius de Moraes buscou extrair ao máximo suas conexões com a poesia. Dizia ele: “se considerarmos a imagem em Cinema como a palavra em Poesia, temos nela um elemento permanentemente em busca de realização harmônica, do seu equilíbrio próprio em combinação com outras palavras ou imagens”. Para demonstrar na prática essa sua teoria, o poeta se valeu do poema “O Martelo”, de Manuel Bandeira, e definiu seu vocabulário técnico para a escrita de roteiro cinematográfico da seguinte maneira: Td: tomada distante; Tm: tomada média; Tp: tomada próxima; e Fc: Fusão com, fusão em. Abaixo, a visualização da teoria do ritmo de Vinicius de Moraes a partir da poesia de Manuel Bandeira:

O martelo

Manuel Bandeira

As rodas rangem na curva dos trilhos	1. Tm:	Um bonde noturno, deserto, iluminado contra a noite.
Inexoravelmente	2. Tp:	O bonde avançando para a curva. A câmara desce para apanhar as rodas em sucessão inexorável.
Mas eu salvei do meu naufrágio	3. Tm:	O poeta imóvel no seu quarto. Tomada estática.
Os elementos mais cotidianos.	4. Tm:	Ao reflexo de um anúncio luminoso o interior se aclara, mostrando a cotidianidade ambiente. Caráter do quarto.
	5. Tm:	O bonde fugindo na noite.
	6. Fc:	O rosto severo e antigo do poeta numa tomada próxima.
O meu quarto resume o passado de todas as casas que habitei.	7. Tm:	Novo reflexo luminoso. Sensação de passado nos móveis, nos objetos. Retratos. O crucifixo.
No meio da noite	8. Td:	A cidade noturna vista da janela do quarto do poeta. Sossego indizível. Imagem longa.
No cerne duro da cidade	9. Fc:	O rosto calmo do poeta numa tomada próxima.
Me sinto protegido.	10. Td:	A cidade noturna como na imagem 8.
	11. Tp:	O rosto do poeta. Luz do anúncio.
	12. Td:	A cidade. Vê-se o bonde longe correndo no meio do sossego em torno.
	13. Tp:	O rosto do poeta.

	14. Tm:	Árvores noturnas, quietas.
Do jardim do convento	15. Tp:	O rosto quieto do poeta. Novo reflexo luminoso.
	16. Td:	O convento noturno.
Vem o pio da coruja	17. Tm:	O jardim do convento. O anúncio luminoso.
Doce como um arrulho de pomba.	18. Tp:	Uma coruja num galho, piando.
	19. Tm:	Um nicho externo, com a imagem de Nossa Senhora.
	20. Tp:	O rosto do poeta.
	21. Tp:	A coruja piando.
	22. Tp:	O rosto de Nossa Senhora.
	23. Tp:	O rosto do poeta.
	24. Tp:	A coruja dormindo.
	25. Tp:	Ângulo baixo do rosto de Nossa Senhora.
	26. Tp:	O rosto do poeta dormindo.
Sei que amanhã quando acordar	27. Td:	A cidade noturna.
	28. Fc:	A aurora. Primeiro albor.
Ouvirei o martelo do ferreiro	29. Fc:	A aurora se abrindo.
	30. Fc:	O primeiro raio de sol.
Bater corajoso o seu cântico de certezas.	31. Fc:	O ferreiro pondo-se ao trabalho.
	32. Fc:	O rosto alegre do poeta despertando.
	33. Tp:	O martelo batendo, batendo.

“Eis aí uma primeira noção do ritmo comparado”. Assim, Vinicius de Moraes terminava sua crônica sobre a teoria do ritmo e sua relação com a poesia.

- a) O professor deverá apresentar aos alunos a teoria do ritmo de Vinicius de Moraes e explicar a linguagem técnica utilizada pelo poeta em sua exposição prática. Feito isso, a turma deverá ser organizada em grupos de 4 ou 5 alunos. Cada grupo ficará responsável por aplicar a teoria do ritmo e criar um roteiro cinematográfico a partir do seguinte poema de Vinicius de Moraes:

O desespero da piedade

Meu senhor, tende piedade dos que andam de bonde
E sonham no longo percurso com automóveis, apartamentos...
Mas tende piedade também dos que andam de automóvel
Quando enfrentam a cidade movediça de sonâmbulos, na direção.

Tende piedade das pequenas famílias suburbanas
E em particular dos adolescentes que se embebedam de domingos
Mas tende mais piedade ainda de dois elegantes que passam
E sem saber inventam a doutrina do pão e da guilhotina.

Tende muita piedade do mocinho franzino, três cruzeiros, poeta
Que só tem de seu as costeletas e a namorada pequenina
Mas tende mais piedade ainda do impávido forte colosso do esporte
E que se encaminha lutando, remando, nadando para a morte.

Tende imensa piedade dos músicos dos cafés e casas de chá
Que são virtuosos da própria tristeza e solidão
Mas tende piedade também dos que buscam silêncio
E súbito se abate sobre eles uma ária da Tosca.

Não esqueçais também em vossa piedade os pobres que
enriqueceram
E para quem o suicídio ainda é a mais doce solução
Mas tende realmente piedade dos ricos que empobreceram
E tornam-se heróicos e à santa pobreza dão um ar de grandeza.

Tende infinita piedade dos vendedores de passarinhos
Que em suas alminhas claras deixam a lágrima e a incompreensão
E tende piedade também, menor embora, dos vendedores de balcão
Que amam as freguesas e saem de noite, quem sabe onde vão...

Tende piedade dos barbeiros em geral, e dos cabeleireiros
Que se efeminam por profissão mas que são humildes nas suas
carícias
Mas tende mais piedade ainda dos que cortam o cabelo:
Que espera, que angústia, que indigno, meu Deus!

Tende piedade dos sapateiros e caixeiros de sapataria
Que lembram madalenas arrependidas pedindo piedade pelos
sapatos
Mas lembrai-vos também dos que se calçam de novo
Nada pior que um sapato apertado, Senhor Deus.

Tende piedade dos homens úteis como os dentistas
Que sofrem de utilidade e vivem para fazer sofrer
Mas tende mais piedade dos veterinários e práticos de farmácia
Que muito eles gostariam de ser médicos, Senhor.

Tende piedade dos homens públicos e em particular dos políticos
Pela sua fala fácil, olhar brilhante e segurança dos gestos de mão
Mas tende mais piedade ainda dos seus criados, próximos e parentes
Fazei, Senhor, com que deles não saiam políticos também.

E no longo capítulo das mulheres, Senhor, tende piedade das
mulheres
Castigai minha alma, mas tende piedade das mulheres
Enlouqueci meu espírito, mas tende piedade das mulheres
Ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres!

Tende piedade da moça feia que serve na vida
De casa, comida e roupa lavada da moça bonita
Mas tende mais piedade ainda da moça bonita
Que o homem molesta - que o homem não presta, não presta,
meu Deus!

Tende piedade das moças pequenas das ruas transversais
Que de apoio na vida só têm Santa Janela da Consolação
E sonham exaltadas nos quartos humildes
Os olhos perdidos e o seio na mão.

Tende piedade da mulher no primeiro coito
Onde se cria a primeira alegria da Criação
E onde se consuma a tragédia dos anjos
E onde a morte encontra a vida em desintegração.

Tende piedade da mulher no instante do parto
Onde ela é como a água explodindo em convulsão
Onde ela é como a terra vomitando cólera
Onde ela é como a lua parindo desilusão.

Tende piedade das mulheres chamadas desquitadas
Porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade
Mas tende piedade também das mulheres casadas
Que se sacrificam e se simplificam a troco de nada.

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas
Que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas
Mas que vendem barato muito instante de esquecimento
E em paga o homem mata com a navalha, com o fogo, com o veneno.

Tende piedade, Senhor, das primeiras namoradas
De corpo hermético e coração patético
Que saem à rua felizes mas que sempre entram desgraçada
Que se crêem vestidas mas que em verdade vivem nuas.

Tende piedade, Senhor, de todas as mulheres
Que ninguém mais merece tanto amor e amizade
Que ninguém mais deseja tanto poesia e sinceridade
Que ninguém mais precisa tanto de alegria e serenidade.

Tende infinita piedade delas, Senhor, que são puras
Que são crianças e são trágicas e são belas
Que caminham ao sopro dos ventos e que pecam
E que têm a única emoção da vida nelas.

Tende piedade delas, Senhor, que uma me disse
Ter piedade de si mesma e de sua louca mocidade
E outra, à simples emoção do amor piedoso
Delirava e se desfazia em gozos de amor de carne.

Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas
A vida fere mais fundo e mais fecundo
E o sexo está nelas, e o mundo está nelas
E a loucura reside nesse mundo.

Tende piedade, Senhor, das santas mulheres
Dos meninos velhos, dos homens humilhados - sede enfim
Piedoso com todos, que tudo merece piedade
E se piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim

- b) O professor poderá trocar os roteiros produzidos entre os grupos e comparar com os alunos as diferentes possibilidades de criação de imagens a partir de um mesmo poema.

3. Desde os 15 anos, Vinicius de Moraes já guardava composições como “Loura ou morena” e “Canção da noite”. Mas não resta dúvida de que foi só a partir de sua parceria com Tom Jobim – iniciada em 1956 para a composição da trilha sonora da peça “Orfeu da Conceição” – que ele se tornou o grande poeta da canção brasileira. Juntos, Vinicius e Tom, poeta e maestro – acompanhados do violão de João Gilberto –, foram os responsáveis por uma das maiores guinadas da canção popular brasileira: a Bossa Nova, derivada do samba e com fortes influências do jazz norte-americano.

Nascido em meio ao otimismo desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), o movimento Bossa Nova acabou se associando ao crescimento urbano que ocorria nas principais capitais do Brasil. Seu epicentro era a zona sul do Rio de Janeiro, irradiado por artistas da classe média carioca. O primeiro LP, “Chega de saudade”, lançado em 1959, trazia a faixa-título composta por Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Foi esta a canção que se tornou uma das principais referências de um movimento que marcou época, a partir da abordagem de temáticas leves, despreocupadas e responsáveis por pintar o quadro de um Rio de Janeiro idílico. O exato tom da composição mais conhecida da dupla, “Garota de Ipanema”, lançada em 1963.

- a) Apresente aos alunos as seguintes canções disponíveis em www.youtube.com/watch?v=yUuJrpP0Mak e www.youtube.com/watch?v=KJzBxj8ExRk

Chega de saudade

Compositores: Vinicius de Moraes; Tom Jobim

Intérprete: João Gilberto

Ano: 1958

Vai minha tristeza
E diz a ela
Que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Por que eu não posso mais sofrer
Chega de saudade
A realidade
É que sem ela não há paz
Não há beleza
É só tristeza
E a melancolia
Que não sai de mim
Não sai de mim, não sai
Mas se ela voltar, se ela voltar
Que coisa linda, que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos
Que eu darei na sua boca
Dentro dos meus braços
Os abraços
Hão de ser milhões de abraços
Apertado assim
Colado assim, calado assim

Abraços e beijinhos
E carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
De você viver sem mim
Não quero mais esse negócio
De você viver sem mim

Garota de Ipanema

Compositores: Vinicius de Moraes; Tom Jobim

Intérpretes: Vinicius de Moraes, Tom Jobim

Ano: 1962

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela, a menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
Caminho do mar
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado
É mais que um poema
É a coisa mais linda
Que eu já vi passar
Ah, porque estou tão sozinho
Ah, porque tudo é tão triste
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha

Que também passa sozinha
Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo sorrindo
Se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor
Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela, a menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
Caminho do mar
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado
É mais que um poema
É a coisa mais linda
Que eu já vi passar
Ah, porque estou tão sozinho
Ah, porque tudo é tão triste
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha
Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo sorrindo
Se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor

- b) Após apresentar as canções, o professor deverá exibir o trecho entre os minutos 19:24 e 22:00, do documentário “JK, o menino que sonhou um país”, de Silvio Tendler, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ctO_ePJTSGQ.
- c) As seguintes questões poderão ser discutidas com os alunos:
- As canções apresentadas já foram ouvidas alguma vez?
- O que os alunos pensam sobre a possibilidade de conciliar poesia e música?
- De acordo com o trecho do documentário exibido, como os anos do governo de Juscelino Kubitschek influenciaram a cultura em geral e, em particular, contribuíram para o surgimento da Bossa Nova?
- d) Em seguida, o professor irá organizar a turma em grupos de 4 ou 5 alunos e propor que pesquisem e produzam uma apresentação audiovisual – com imagens, trechos de canções e filmes – sobre o movimento artístico da Bossa Nova, suas relações com os anos do governo de Juscelino Kubitschek e o legado deixado para a cultura brasileira em geral. A partir dessa atividade, o professor poderá organizar um dia de exposição das produções dos alunos sob o tema “A Bossa Nova e os anos JK”.
4. Vinicius de Moraes não colecionou apenas poemas de amor. Foi um exímio mestre na arte de realizar parcerias. Começou com Tom Jobim em 1956, mas não parou por aí. Contou com as colaborações de Carlos Lyra, Francis Hime, Toquinho. Uma de suas mais conhecidas e aclamadas produções musicais foi produto também de uma parceria: “Os Afro-sambas”, álbum lançado em 1966, ao lado do violonista Baden Powell. Nas oito faixas do disco, atabaques e afoxés – provenientes de religiões de matriz africana como

candomblé e umbanda – são associados a timbres mais habituais à musicalidade brasileira. Tudo isso para mostrar que, assim como já cantavam os versos da canção “Samba da Benção”, “o samba nasceu lá na Bahia/ E se hoje ele é branco na poesia/ Ele é negro demais no coração”.

Mas a mistura n’Os *Afro-sambas* não se restringe a elementos musicais. A própria estética e cultura africanas, com suas mitologias e cosmogonias, toma posição de destaque em canções como “Canto de Ossanha”, “Canto de Xangô” e “Canto de Iemanjá”.

- a) O professor deverá organizar a sala de aula em semicírculo e orientar os alunos a escutar as seguintes canções, disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=OGd9mneMPHU> e <https://www.youtube.com/watch?v=Od2kpFZjhAI>:

Canto de Ossanha

Compositores: Vinicius de Moraes; Baden Powell

Intérpretes: Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Toquinho e Miúcha

Ano: 1978

O homem que diz “dou” não dá,

porque quem dá mesmo não diz

O homem que diz “vou” não vai,

porque quando foi já não quis

O homem que diz “sou” não é,

porque quem é mesmo é “não sou”

O homem que diz “tô” não tá,

porque ninguém tá quando quer

Coitado do homem que cai no canto de Ossanha, traidor

Coitado do homem que vai atrás de mandinga de amor

Vai, vai, vai, vai, não vou
Vai, vai, vai, vai, não vou
Vai, vai, vai, vai, não vou
Vai, vai, vai, vai, não vou
Que eu não sou ninguém de ir em conversa de esquecer
A tristeza de um amor que passou
Não, eu só vou se for pra ver uma estrela aparecer
Na manhã de um novo amor

Amigo senhor, saravá,
Xangô me mandou lhe dizer
Se é canto de Ossanha, não vá,
que muito vai se arrepender
Pergunte ao seu Orixá,
o amor só é bom se doer
Pergunte ao seu Orixá,
o amor só é bom se doer

Vai, vai, vai, vai, amar
Vai, vai, vai, sofrer
Vai, vai, vai, vai, chorar
Vai, vai, vai, dizer
Que eu não sou ninguém de ir em conversa de esquecer
A tristeza de um amor que passou
Não, eu só vou se for pra ver uma estrela aparecer
Na manhã de um novo amor

Canto de Xangô

Compositores: Vinicius de Moraes; Baden Powell

Intérpretes: Vinicius de Moraes e Baden Powell

Ano: 1966

Eu vim de bem longe, eu vim, nem sei mais de onde é que eu vim

Sou filho de rei muito lutei pra ser o que eu sou

Eu sou negro de cor mas tudo é só amor em mim

Tudo é só amor, para mim

Xangô Agodô

Hoje é tempo de amor

Hoje é tempo de dor, em mim

Xangô Agodô

Salve , Xangô, meu Rei Senhor

Salve meu Orixá

Tem sete cores sua cor

sete dias para a gente amar

Salve Xangô, meu Rei Senhor

Salve meu Orixá

Tem sete cores sua cor

sete dias para a gente amar

Mas amar é sofrer

Mas amar é morrer de dor

Xangô, meu Senhor, saravá!

Me faça sofrer

Ah me faça morrer

Mas me faça morrer de amar

Xangô, meu Senhor, saravá!

Xangô agodô

- b) Após apresentar as canções, o professor poderá propor aos alunos as seguintes questões para debate:
- Quais os elementos culturais de matriz africana estão presentes nessas canções?
- Como a religiosidade afrobrasileira se apresenta nas composições?
- O que os alunos pensam desse processo de mistura e sincretismo de culturas?
- c) Em seguida, o professor poderá sugerir aos alunos que escutem todo o disco “Os Afro-Sambas” para a seguinte atividade: organize a turma em grupos de 4 ou 5 alunos, que deverão pesquisar elementos culturais de matriz africana e produzir uma canção sobre as relações destes elementos com a formação da cultura brasileira.
- d) Ao fim dessa atividade, o professor poderá organizar uma sessão cultural para que os alunos apresentem suas composições.

OBRAS COMPLETAS

O caminho para a distância (1933)

Forma e exegese (1935)

Ariana, a mulher (1936)

Novos poemas (1938)

Cinco elegias (1943)

Poemas, sonetos e baladas (1946)

Pátria minha (1949)

Antologia poética (1954)

Livro de sonetos (1957)

Novos Poemas II (1959)

O mergulhador (1968)

A arca de Noé (1970)

PARA SABER MAIS

CASTELLO, José. Vinicius de Moraes: o poeta da paixão: uma biografia.

São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERRAZ, Eucanaã. Vinicius de Moraes. Série Folha Explica. São Paulo: Pu-

blifolha, 2006.

Waly Salomão

(1943-2003)

Perfil biográfico

Waly Dias Salomão nasceu em 1943, na cidade de Jequié, sudoeste da Bahia. Mudou-se para Salvador na adolescência onde, em 1967, formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, mas jamais exerceu a profissão. Embarcou para o Rio de Janeiro, sem dinheiro e sem recursos. Sentia necessidade de remodelar-se, queria se envolver com cultura. Na capital carioca trabalhou como redator e colaborou em diversas publicações e jornais. Conheceu Chacal, Torquato Neto, Caetano Veloso, Jards Macalé, Hélio Oiticica, Gilberto Gil já conhecia de Salvador e pronto! Estava definitivamente envolvido com a produção cultural.

No início do ano de 1970, morando em São Paulo, Waly Salomão foi preso, por porte de maconha. Passou cerca de 18 dias em uma cela do Pavilhão II, no Carandiru. A experiência, segunda avaliação do próprio Waly, representou paradoxalmente uma possibilidade de libertação. O artista conseguiu colocar todas as suas energias no ato de escrever. Dois anos depois publicava seu primeiro livro de poemas:

Me segura que eu vou dar um troço que reúne os textos produzidos enquanto estava no presídio. Sua poesia possui um caráter libertário e antiacadêmico, e o poeta se tornou um marco da contracultura do país. Em 1974, Waly Salomão e Torquato Neto, publicaram a revista *Navilouca – Almanaque dos aqualoucos*. Em edição única, o almanaque misturou e uniu diferentes tipos de poéticas e visualidades.

A década de 1990 foi especial para Waly Salomão, naquilo que se refere à produção literária. Em 1993, ele publicou *Armarinho de miudezas*. Três anos depois, *Algaravias: câmara de ecos*. O livro foi um sucesso de público e crítica. Recebeu o Prêmio Alphonsus Guimaraens da Biblioteca Nacional e o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro.

Em 2003, Waly Salomão assumiu o cargo de secretário nacional do livro e da leitura, a convite de Gilberto Gil, então Ministro da Cultura. Ele foi o autor do projeto “Fome de leitura”, cujo objetivo era acrescentar livros na cesta básica dos brasileiros. Após sua morte, em 2003, graças ao trabalho de Marta Braga, viúva do poeta, e de seus dois filhos, Omar e Khalid, mais um livro de Waly Salomão foi publicado. A obra “Pescados vivos” mistura toda maturidade intelectual do poeta com sua irreverência e empolgação.



Revista Navilouca – Almanaque dos Aqualoucos, página 22.

Waly Salomão nasceu em setembro de 1943, na cidade de Jequié, no sudoeste da Bahia. Filho de pai sírio e mãe baiana foi incentivado desde pequeno, a mergulhar no universo da literatura. Na casa em que morava com a família, os livros eram tão presentes quanto pão e o leite nas refeições. Acostumou-se a ver sua mãe e os irmãos discutindo longamente *Guerra e Paz*, de Tolstoi, como se falassem sobre um jogo de futebol.

Rebelde da forma e da arte

O ano de 1972 marca a estreia de Waly Salomão como escritor, com o lançamento do livro *Me segura que eu vou dar um troço*. O jovem poeta baiano apresentava ao país, já em sua primeira obra, características e traços singulares, que o acompanharam em toda sua trajetória. Waly Salomão jamais abriu mão da experimentação e fazia da escrita um ato de rebeldia à tradição cultural preestabelecida. O poeta amava a liberdade de criação, recusava rótulos, limites e definições. Gostava mesmo era da fusão de gêneros, da associação livre de palavras e da construção caótica de frases e sentidos. Era um amante da experimentação, um inconformado com estilos e normas preestabelecidas: queria o coloquialismo, o jogo de sentidos, as transições abruptas. Waly Salomão sempre compôs e escreveu sob a firme negação da linguagem convencional. Seu objetivo era claro: desconstruir toda forma enrijecida do fazer poético. “Minha sede não é qualquer copo d’água que mata”, dizia o poeta baiano. Não se acomodava e não se contentava com um leitor passivo. Gostava de provocar e de intrigar. Queria seus leitores atentos, em alerta, instigados e sedentos pela experimentação poética. Waly Salomão foi a personificação da irreverência. Como diria Silviano Santiago, “Waly não gosta de se disfarçar em elefante. Era o próprio paquiderme no guarda-louça do mundo cotidiano” Um poeta de excessos? Talvez. Mas era, sobretudo, um poeta dedicado a abalar as convenções. Um rebelde da forma e da arte.

Diário querido (*Me Segura que eu vou dar um troço*, 1972)

Eden edenias edenidades:

Gosto de zanzar zanzar feliz zanzar no aprazível ar passeios grandes espaços latifúndios nalma, dia inteiro sentado no alpendrado da casa sobre a lagoa passei relendo voz alta João Grande Sertão: Veredas: noitinha noitinha saio me sentindo mateiro solitário leitor, assim quando apareço, sertanejo leal sem ânimo competitivo sem jagunçagens sincero sério sereno sertanejo leal devagaroso destes que aprenderam a ler o escrito das coisas licenças rogando ramo jasmim branco sem peçonhas cheiroso nas todas duas mãos por trás sem figurar fera escrita aparência nenhuma se sabendo vezeiro nos usos fiduciais desusados, defronte dos ditos amigos carieocos, mesmo fogem assustados do leão do meu coração.

Sailormoon: este sumo retrato, o dedo de Deus no gatilho: Sailormoon:
- Valei me Prispe peixe do mar.

Guerreiro, sob matraquear de metralha, retrucar recupera fala: - De primeiro, pingüoso, só perdia ponto; agora, mateiro matreiro, ganhei malícia malandra. Lutar em todas as frentes: andar sobre s águas e saber o caminho das pedras: sereno doido manso ouriçado: um só e todos. Sadio sarei sanei – cicatriz não trago, eu quando estou cansado durmo. Sadio – tomo minha dor de cabeça como prova de que tenho cabeça dura para dependurar peruca.

Apontamentos do pav 2

(*Me Segura que eu vou dar um troço*, 1972)

SIRIO desponta de dia

DILÚVIO

Confusão da aflição do momento com o **DILÚVIO**.

O **DILÚVIO** em cada enchente. reencarnação.

NOÉ = intérprete de sinais. O sacassinai. O mensageiro da advertência.

500 anos = BR.

500 000 anos = idade aproximada da espécie humana.

Memória popular de uma região perdida, onde uma humanidade sábia e progressista passou anos felizes em santa e sábia harmonia.

Terra das Hespérides

Terra das maçãs de ouro

Cinemex: um banquete fantástico de comidas baianas: tribex: regado com batidas: calor entorpecente: foquefoque como nas farras romanas de Holly: Morro de São Paulo: frutos tropicais, mil caranguejos: cachos de uva: mulheres levantando as saias: gente com a cara lambuzada de vatapá, gente dentro das panelas de barro: langor: as pessoas esparramadas como nas telas de Bruegel: Bahia, umbigo do mundo: Portas do Sol: cidade da colina: Luz Atlântica: Jardim da Felicidade.

Atlântida — o continente perdido pralém das colunas de Hércules e que unia a Europa com a América; onde já se observavam os céus e se faziam cálculos astronômicos; adoradores do sol; onde provavelmente foi falada a língua-mãe.

Olhadela por trás dos bastidores.

XIII em diante (*Gigolô de bibelôs*, 1983)

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou tenho fome de ficcion ficciones ficcionários tenho fome das fricções de ser contra ser tudo que não sou ser de encontro a outro ser tenho fome do abraço de me tornar o outro em tudo que não sou me tornar o outro em tudo me tornar o outro a outra douto doutra em tudo em tudo que não sou me tornar o outro de me me tornar o nome distinto o outro distinguido por um nome distinto do meu nome distinto tenho fome de me tornar no que se esconde sob o meu nome embaixo do nome no subsolo do nome o sob nome o sobnome e por uma fresta num abraço contíguo penetra passa habitar o ficcionário que me tornei em tudo que feixe de não fixas ficciones sou em tudo por tudo por uma fresta de tudo por uma fresta tudo se fixa por uma toda por uma toda fresta as fixações penetram passam a habitar o ficcionário que me habituei em **ME** me **ME** tornar em tudo todo o **TUDO** personas personagens bailes de máscaras reais que pessoas que penetram que pessoas penetram pelas frestas e num abraço contínuo se casam fazem casa e se inscrevem e se incrustam máscaras moluscas no meu rosto me tornar uma escala crescente milesimal centesimal decimal inteira a face dum baile de máscaras reais vir a ser este ficcionário que não sou me casar que ainda **AINDA** que não sou e que sou sempre sempre quando quando sempre tenho fome qual a escala crescente ou decrescente pra saber se um milésimo centésimo décimo inteiro todo ou fração todo meu ficcionário ser se revelou no abraço contínuo contíguo em que se desvelou tornar tudo (...)

Capa do livro *Me segura que eu vou dar um troço*. 1972. Waly Salomão.

Em 1970, Waly Salomão foi preso em São Paulo por porte de maconha. De sua cela do Pavilhão II no Carandiru, produziu textos e libertou-se como poeta. Quando saiu apresentou a obra para seu amigo Hélio Oiticica, que tomou para si a tarefa de diagramar as produções de Salomão. Os textos e poemas foram reunidos no livro *Me segura que eu vou dar um troço*, publicado em 1972. A obra tornou-se um clássico da contracultura no Brasil. Uma obra anárquica, que nasceu na contramão da liberdade física, dentro da cela de uma prisão.



Uma escrita que nasce da ironia

Irreverente, criativo, polêmico e dotado de um humor ácido, Waly Salomão foi por diversas vezes comparado ao poeta Gregório de Mattos, o “Boca do Inferno”. Assim como ele, usou e abusou da ironia na composição de sua obra. Tinha grande apreço por derrubar mitos e ídolos, através de sátiras críticas. Nada lhe escapava. Não perdoava nem mesmo sua cidade natal: “Se bicha fosse bala, se maconha fosse fuzil, Jequié estava pronta, Pra defender o Brasil”. Para compreender Waly Salomão, é preciso despojar-se de todas as formas óbvias. Sempre debochado e inquieto, compõe pela ironia críticas contundentes ao homem e à sociedade. Através de uma linguagem poética aguda e carregada de polêmicas, indicava para o leitor o caminho da reflexão. Era um antiacadêmico convicto e não se furtava do direito de analisar

com zombarias agudas, diversos cânones da literatura e da filosofia. Era um marinheiro da contracultura, um “marujeiro da lua”. Desprendido de modismos acadêmicos, brincava com os significados das palavras e através de uma trama poética bem construída, ironizava até o mais preparado dos críticos literários. Waly Salomão constrói e desconstrói imagens, de si mesmo e dos outros. No poema “Lausperene” por exemplo foi claro: sou contra a musicalidade nos meus versos. Ao final da leitura desse mesmo poema, no entanto, qual não será a surpresa do leitor ao perceber que as estrofes finais trazem justamente um modo de rimar musical. Sátiras corrosivas e humor ácido eram para o poeta baiano, o antidoto perfeito para combater as inverdades da humanidade.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Lausperene (*Algaravias: câmaras de ecos*, 1996)

Quase qualquer antologia
da atual poesia nacional:
sequência segue sequência
de poema-piada
e pseudo-haikai.

Ou o pior de tudo
e o mais usual:
brevidade-não concisão
brevidade-camuflagem
de poema travado
engolido pra dentro.

Belo é quando o seco,
rígido, severo
esplende em flor.

Seu nome: Cabral.

Nome de descobridor

Novelha cozinha poética (*Tarifa de embarque*, 2000)

Pegue uma fatia de Theodor Adorno
Adicione uma posta de Paul Celan
Limpe antes os laivos de forno crematório
Até torná-la magra-enigmática
Cozinhe em banho-maria
Fogo bem baixo
E depois leve ao Departamento de Letras
Para o douto Professor dourar.

Hoje (*Algaravias: câmaras de ecos*, 1996)

O que menos quero pro meu dia
polidez,boas maneiras.
Por certo,
 um Professor de Etiquetas
não presenciou o ato em que fui concebido.
Quando nasci, nasci nu,
ignaro da colocação correta dos dois pontos,
do ponto e vírgula,
e, principalmente, das reticências.
(Como toda gente, aliás...)
Hoje só quero ritmo.
Ritmo no falado e no escrito.
Ritmo, veio-central da mina.
Ritmo, espinha-dorsal do corpo e da mente.
Ritmo na espiral da fala e do poema.
Não está prevista a emissão
de nenhuma “Ordem do dia”.
Está prescrito o protocolo da diplomacia.
AGITPROP – Agitação e propaganda:
Ritmo é o que mais quero pro meu dia-a-dia.
Ápice do ápice.
Alguém acha que ritmo jorra fácil,
pronto rebento do espontaneísmo?

Meu ritmo só é ritmo
quando temperado com ironia.
Respingos de modernidade tardia?
E os pingos d'água
dão saltos bruscos do cano da torneira
e
passam de um ritmo regular
para uma turbulência
aleatória.
Hoje...



Revista *Navilouca*, 1974.

Em 1972 Waly Salomão e o poeta Torquato Neto, organizaram a revista *Navilouca* – *Almanaque dos Aqualoucos*. A publicação foi lançada no ano de 1974, em edição única e todos os diferentes tipos de poéticas e visualidades, com projetos gráficos de Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, Hélio Oiticica, Ligia Clark, Caetano Veloso, Jorge Salomão, entre outros.

Ecoss e Vozes: Um poeta polifônico

Em certa ocasião, o crítico literário Antônio Cícero descreveu seu amigo Waly Salomão como um poeta polifônico. A multiplicidade de vozes e sons é, sem dúvida, um traço característico de sua obra. Suas palavras e impressões se entrecruzavam com as palavras de outros autores, dando a forma de sua literatura. Os ecos de outros escritos o influenciaram de tal maneira, que os acrescentava à seu próprio texto. Ele não estimulava uma hierarquia de vozes: elas eram múltiplas, se enlaçavam, se balançavam e compunham juntas seu estilo tão próprio e característico. Essa polifonia foi materializada pelo uso constante da metalinguagem e da intertextualidade na composição de seus textos.

Mergulhado em um período de intensas mudanças sociais, políticas, e culturais, Waly Salomão lançou novos olhares sobre o fazer poético. Sua literatura se adaptou às metamorfoses do mundo, absorvendo suas multiplicidades e sua complexidade. Sempre irreverente e apaixonado pelas diferenças, desenvolveu um mosaico polifônico, onde música, poesia, prosa, anedotas e discursos, se entrecruzam em um espaço artístico próprio. Diferentes vozes e influências foram materializadas em uma infinidade de linguagens, e dão o tom de sua obra. O poeta baiano tinha sede do diferente, do complexo, do múltiplo. Através de uma poesia agressiva e marginal, confrontou discursos ao mesmo passo que os abraçou, para expressar todas as contradições da sociedade.

SELEÇÃO DE TRECHOS

Planteamiento de Cuestiones (Revista *Navilouca*, 1974)

FORÇAR A BARRA:

Estou possuído da ENERGIA TERRÍVEL que os
Tradutores chamam ÓDIO-ausência de pais: recha-
çar a tradição judeu-cristiana – ausência de pais
culturais –ausência de laços de família –
Nada me prende a nada –
Produzir sem nada esperar receber em troca:
O mito de sisifud.
Produzir o melhor de mim pari-passu com a pedra
da esperança de recomPensão Paraíso.

FIM DA FREBRE
DE
PRÊMIOS & PENSÕES
DUM
POETA SEM
LLAAUURREEAASS

O legado de Wallace Stevens (*Algaravias: câmaras de ecos*, 1996)

Assim como quem

– agnóstico, cético, sarcástico incréu –
estende réstias de alho por toda a casa,
para afastar meu agouro.

Assim como quem plurifica

a ferocidade da mente,
zela pela aura, aurora de cada palavra,
com ritmo penetra, sexualiza a fala,
colore com finuras, matizes de papel de seda,
o balão do pensamento
tornando-o inda mais chiaroscuro, espermático;

e com cerol de vidro moído, cola de sapateiro,
afia, tempera o laço mágico
que rabeia a sorte, compele o futuro
e provê um canto, um giro diverso para cada ato

Orapronobis - Tira teima da cidadezinha de Tiradentes

Café coado.

Cafungo minha dose diária de MURILO e DRUMMOND

Lápis de ponta fina.

Lá detrás daquela serra

Estamparam um desenho de TARSILA na paisagem.

Menino que pega ovo no ninho de seriema.

Pessoas deitadas nos bancos de calcário

Dão a vida por um dedo de prosa.

Cada vereador deposita na mesa da câmara

A grosa de pássaros-pretos que conseguiu matar

Árdua labuta pra hoje em dia

Pois quase já não há

Pássaros-pretos no lugar.

De tarde gritaria das maritacas

Encobre o piano arpejando o Noturno de CHOPIN.

Bêbado escornado no banco da praça.

Orlando Curió cisma um rabo de sereia do mar debuxado
no lombo do seu cavalo.

A meia-lua
E a estrela preta
De oito pontas
Do teto da igreja
Do Rosário dos Pretos.
Que luz desponta
Da meia-lua
E que centelha
Da estrela preta de oito pontas
Do teto
Da Igreja do Rosário dos Pretos?
Pra quem aponta
A luz da meia-lua
E pra quem cintila
Preta de oito pontas
A estrela desenhada no teto
Da igreja do Rosário dos Pretos?

Revista *Navilouca* – *Almanaque dos Aqualoucos*, página 13.

Waly Salomão era irrequieto. Em 1996 foi lançar no Shopping da Gávea, na zona sul do Rio de Janeiro, seu livro de poemas *Algaravias*. Combinou com as bandas de olodum e a ala de capoeira da ONG Vigário Geral de promoverem a invasão do local durante o lançamento. Uniu artistas renomados e a população do morro em um espaço único. Declarou sobre o episódio: “Gosto desses cruzamentos, dessas misturas, intercâmbios. Quem gosta de água parada é mosquito da dengue.” Foi proibido pela administração do shopping de lançar qualquer outro livro no local.



ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Waly Salomão nasceu em 1944 na cidade de Jequié, interior da Bahia. Filho de pai sírio e mãe sertaneja era figura frequente na biblioteca pública de sua cidade natal. Nas décadas de 1960 e 1970, foi apresentado ao Brasil como letrista e tornou-se um grande poeta da contracultura do país.
 - a) Coloque a sala em círculo, de forma que todos os alunos tenham uma visão total da sala e de seus colegas de turma.
 - b) Leia com os alunos o poema *Estética da Recepção*, do livro *Tarifa de Embarque*, de Waly Salomão, lançado em 2000.

Estética da Recepção

Turris eburnea.

Que o poeta brutalista é o espeto do cão.

Seu lar esburacado na lapa abrupta. Acolá ele vira onça
e cutuca o mundo com vara curta.

O mundo de dura crosta é de natural mudo,
e o poeta é o anjo da guarda

_____ do santo do pau-oco.

Abre os poros, pipoca as pálpebras, e, com a pá virada,
mija em leque no cururu malocado na cruz da encruzilhada.

Cachaças para capotar e enrascar-se em palpos de aranha.

Ó mundo de surdas víboras sem papas nas línguas cindidas,
_____serpes, serpentes,
já que o poeta mimético se lambuza de mel silvestre,
carrega antenas de gafanhoto mas não posa de profeta:
_____”Ó voz clamando no deserto.”
Pois eu, pitonisa, falo que ele, poeta,
_____não permite que sua pele crie calo
dado que o mundo é de áspera epiderme
_____como a casca rugosa de um fero rinoceronte
_____ou de um extrapoemático elefante
posto que nas entranhas do poema os estofos do elefante
_____são sedas
_____delicadezas
_____carências de humano paquiderme.

É o mundo ocluso e mouco amasiado ao poeta gris e oco.
Caatinga de grotão seco atada à gamela de pirão pouco.
Suportar a vaziez.
Suportar a vaziez como um faquir que come sua própria fome
e, sem embargo, destituído quiçá do usucapião e usufruto do
tino
com a debandada de qualquer noção de impresso prazo de jejum.

_____Suportar a vaziez.
_____Suportar a vaziez.
_____Suportar a vaziez.

Sem fanfarras, o vazio não carece delas

- c) Após a leitura do poema, promova o debate entre os alunos em torno da seguinte questão: de acordo com o texto acima, para Waly Salomão, o que é ser poeta e qual a sua função?
- d) Entregue aos alunos uma folha de papel em branco. Peça a eles que escrevam aquilo que acreditam ser a principal característica de um poeta. Dobre as folhas de papel e coloque-as em um envelope. Peça aos alunos que um por um, retirem as folhas do pacote e leiam as impressões de seus colegas, debatendo-as.
- e) Ao final do debate, os alunos poderão escrever um poema em grupo ou individual, sobre ser poeta.

2. Em 2016, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo IBOPE, constatou que 44% da população do país não lê e outros 30% nunca comprou um livro na vida. O levantamento ainda aponta que para 67% dos brasileiros, não houve ninguém que incentivasse a leitura em sua trajetória. Além da falta de incentivo, outro fator importante a ser considerado é o elevado preço dos livros. Enquanto em diversos países da Europa e América do Norte, as editoras trabalham com tiragens médias de mais de 10.000 exemplares por edição, no Brasil, esse número quase não chega na casa dos 2000. O mercado é pequeno, vende-se pouco e consequentemente para compensar as restrições, as publicações são caras e se afastam da realidade financeira do brasileiro.

“Eu preciso ler, ler, ler, nisso eu cumpro os versos de Castro Alves que dizem: livros, livros à mão cheia”, era o que dizia Waly Salomão com frequência. Ele acreditava na leitura como fonte de liberdade, enxergava no livro uma carta de alforria e na arte uma eficaz maneira de salvar a humanidade de si mesma. Em janeiro de 2003, Waly Salomão assumiu o cargo de secretário nacional do livro e

da leitura, a convite de Gilberto Gil, Ministro da Cultura na época. “Imaginação no poder” era o tema guia dos trabalhos de sua equipe. Foi autor do projeto *Fome de leitura* cujo objetivo era acrescentar livros na cesta básica dos brasileiros. Sonhava com um povo alimentado e letrado, e queria divulgar a leitura como ferramenta de libertação. Em maio daquele ano, Waly Salomão faleceu no Rio de Janeiro, e o projeto não foi concretizado na maneira como imaginava o poeta.

- a) Após a leitura do texto acima, oriente os alunos para formar um grande círculo. Inicie o debate em torno dos seguintes questionamentos:

Ler é importante? Por quê? Qual é o lugar do livro e da leitura na vida e na rotina da casa de cada um?

Waly Salomão queria acrescentar livros na cesta básica dos brasileiros. Essa ideia é importante? Se o projeto tivesse se concretizado da maneira como sonhava o poeta, os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* poderiam ter sido diferentes?

- b) Peça aos alunos que se organizem em quatro grupos e oriente-os a exercer a reflexão a partir da seguinte atividade:

Cada grupo simulará exercer funções atribuídas ao “Ministério da Cultura do Brasil”, que recebera plenos poderes do presidente do país. Peça aos alunos para discutirem em grupo, o que pode ser feito pelo “Ministério da Cultura” para alterar os baixos índices de leitura, do país. Os grupos devem levar em conta como são quase inexistentes iniciativas públicas permanentes e eficazes para reverter essa realidade.

Após a discussão, oriente os grupos a desenvolverem um pequeno projeto, com as propostas para reverter o problema da falta de leitura no país.

- c) De uma maneira criativa, cada grupo poderá apresentar suas ideias e o resultado das discussões para turma.

3. Coragem, ousadia, irreverência e disposição para experimentação. Foram as características que uniram Waly Salomão e o piauiense Torquato Neto, na tarefa de organizar a revista *Navilouca – Almanaque dos Aqualoucos*. O nome da produção é uma referência à *Stultifera Navis*, a nau que recolhia os loucos e desgarrados na Idade Média. A revista foi publicada em 1974, em edição única. Marco da contracultura da época, o almanaque reuniu diferentes tipos de poéticas e visualidades. Os artistas publicaram suas obras sem restrições, com total autonomia. Participaram da *Navilouca* Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, Hélio Oiticica, Ligia Clark, Caetano Veloso, Jorge Salomão, entre outros. O almanaque foi publicado durante os anos mais violentos da ditadura militar, e representou um ato de coragem e resistência cultural.

- a) Apresente aos alunos a revista *Navilouca* disponível em: <https://pt.scribd.com/document/111581052/navilouca#>
- b) Escute com a turma o poema *Remix do Século XX* de Waly Salomão, musicado pela cantora Adriana Calcanhoto. A canção está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3hOtCjsjC4>
- c) Debata com os alunos a seguinte questão: Se a revista *Navilouca – Almanaque dos Aqualoucos* fosse publicada nos dias de hoje, e você fosse um dos artistas convidados a participar, sobre o que você escreveria? Qual seria o conteúdo da revista nos dias atuais?

- d) Oriente os alunos a fazerem um projeto gráfico, em uma cartolina, sobre qualquer manifestação cultural atual – música, teatro, dança, quadrinhos, artes plásticas, literatura, cinema e outros – inspirado na revista *Navilouca*, como se fossem reeditá-la atualmente.
- e) Em uma área comum da escola, organize junto com os alunos, uma exposição de suas produções.

4. Waly Salomão e Gilberto Gil compuseram em parceria, as canções *Quilombo*, *Zumbi - a felicidade guerreira*, *Dandara - a flor do gravatá*, *Domingos Jorge Velho em Pernambuco*, *Ganga zumba - o poder da bugiganga* e *O cometa*, para a trilha sonora do filme *Quilombo*, do diretor Cacá Diegues, lançado em 1984. O roteiro do longa-metragem foi produzido a partir dos livros *Ganga Zumba* de João Felício dos Santos, de 1962; e *Palmares: a guerra dos escravos* de Décio Freitas, lançado em 1973.

- a) Escute com os alunos a canção *Quilombo - o eldorado negro*, de Waly Salomão e Gilberto Gil, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O5bMlal00fQ>

Quilombo, o eldorado negro

Compositores: Waly Salomão; Gilberto Gil

Intérprete: Gilberto Gil

Ano: 1984

Existiu

Um eldorado negro no Brasil

Existiu

Como o clarão que o sol da liberdade produziu

Refletiu

A luz da divindade, o fogo santo de Olorum

Reviveu

A utopia um por todos e todos por um

Quilombo

Que todos fizeram com todos os santos zelando

Quilombo

Que todos regaram com todas as águas do pranto

Quilombo

Que todos tiveram de tombar amando e lutando

Quilombo

Que todos nós ainda hoje desejamos tanto

Existiu

Um eldorado negro no Brasil

Existiu

Viveu, lutou, tombou, morreu, de novo ressurgiu

Ressurgiu

Pavão de tantas cores, carnaval do sonho meu

Renasceu

Quilombo, agora, sim, você e eu

Quilombo

Quilombo

Quilombo

Quilombo

- b) Escute com os alunos a canção *Zumbi, a felicidade guerreira*, de Waly Salomão e Gilberto Gil, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eD2YW8qNtE>

Zumbi, a felicidade guerreira

Compositores: Waly Salomão; Gilberto Gil

Intérprete: Gilberto Gil

Gravação: 1984

Zumbi, comandante guerreiro

Ogunhê, ferreiro-mor capitão

Da capitania da minha cabeça

Mandai a alforria pro meu coração

Minha espada espalha o sol da guerra

Rompe mato, varre céus e terra

A felicidade do negro é uma felicidade guerreira

Do maracatu, do maculelê e do moleque bamba

Minha espada espalha o sol da guerra

Meu quilombo incandescendo a serra

Tal e qual o leque, o sapateado do mestre-escola de

samba

Tombo-de-ladeira, rabo-de-arraia, fogo-de-liamba

Em cada estalo, em todo estopim, no pó do motim

Em cada intervalo da guerra sem fim

Eu canto, eu canto, eu canto, eu canto, eu canto, eu

canto assim:

A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!

A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!

A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!

Brasil, meu Brasil brasileiro

Meu grande terreiro, meu berço e nação

Zumbi protetor, guardião padroeiro

Mandai a alforria pro meu coração.

- c) Em 1960, o cineasta paraibano Linduarte Noronha lançou o curta-metragem *Aruanda*. O documentário relata o processo de formação da comunidade quilombola Olho d'Água na Serra do Talhado, em Santa Lúcia do Sabigi, alto sertão da Paraíba. No curta-metragem, Linduarte Noronha chama atenção para o isolamento da comunidade, frente ao país. Assista com os alunos o documentário *Aruanda*, disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=aruanda>
- d) Em 2013, segundo estudo desenvolvido pelo programa *Brasil Quilombola*, mais de 74% das famílias quilombolas relacionadas no Cadastro Único – a base de dados do Governo Federal para programas sociais – vivem em situação de extrema pobreza. Um dos principais problemas enfrentados pelas comunidades é a dificuldade de acesso a programas de incentivo à agricultura familiar, uma vez que, a maioria das famílias não possui o título de posse de suas terras. No Brasil atual, apenas 10% das terras demarcadas como quilombolas possuem título de propriedade. Peça que os alunos pesquisem:
- O que é uma comunidade quilombola?

Existe alguma comunidade quilombola na sua cidade? E no seu estado? Qual?

Após realizarem a pesquisa, peça os alunos para escolherem uma comunidade quilombola, podendo ser do seu estado ou não, para contar e divulgar a história de suas famílias. O formato deve ser de uma notícia de jornal, onde o aluno apresentará ao país a comunidade quilombola selecionada. Concluído o trabalho, as “reportagens” podem ser apresentadas e compartilhadas pela turma. A atividade permite expandir o conhecimento dos estudantes acerca da história das comunidades quilombolas atuais, desmistificando o imaginário popular que tende a localizar os quilombos apenas no passado.

OBRAS COMPLETAS

Me segura que eu vou dar um troço (1972)

Gigolô de bibelôs (1983)

Armarinho de Miudezas (1993)

Relativismo enquanto visão de mundo (1994)

Algaravias: Câmara de Ecos (1996)

Hélio Oititica: O que é parangolé? (1996)

Todos os santos da Bahia (1996)

Lábia (1998)

O mel do melhor (2001)

Tarifa de embarque. (2000).

Mestre Bimba: Corpo de mandinga (2002)

Pescados Vivos (2004)

Babilaques: Alguns cristais clivados (2007)

PARA SABER MAIS

SALOMÃO, Waly. Poesia total. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MORICONI, Italo (org). Destino Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

OBRAS CONSULTADAS

- SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. 11.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- _____. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Folha de São Paulo; Media-fashion, 2008.
- _____. *Auto da Compadecida*. 36. ed. São Paulo: Gol Editora, c2013.
- _____. *O casamento suspeito*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2007.
- _____. *Farsa da boa preguiça*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009.
- _____. *Uma mulher vestida de sol*. Rio de Janeiro J. Olympio, 2003
- _____. *O santo e a porca; O casamento suspeito*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- _____. *Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- _____.; SANTIAGO, Silviano; SUASSUNA, Zélia. *Seleção em prosa e verso de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1974.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. 11. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2010.
- _____. *Alguma poesia*. Belo Horizonte: Pindorama, 1930.
- _____. *Amar se aprende amando: poesia de convívio e de humor*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- _____. *Antologia poética*. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- _____. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- _____. *Boca de luar*. São Paulo: Circulo do Livro, 1985.
- _____. *Boca de luar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. *A bolsa & a vida: crônicas*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1962
- _____. *A bolsa & a vida: crônicas em prosa e verso*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- _____. *Cadeira de balanço*. 21. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2008.

- _____. *Cadeira de balanço: crônicas*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- _____. *Obra completa*. Volume único. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1969.
- _____. *Poesia completa e prosa*. Nova Aguilar, 1977.
- _____. *Sentimento do mundo*. Ed. especial. Rio de Janeiro; São Paulo: Record: Fundação Nestlé de Cultura, 1999.
- _____. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Folha de São Paulo; Media-fashion, 2008.
- _____. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.
- _____. *A rosa do povo*. 16. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1995.
- MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: J. Olympio, c1980.
- _____. *Antologia poética*. 9.ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.
- _____. *A arca de Noé*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- _____. *A arca de Noé*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.
- _____. *Livro de sonetos*. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- _____. *Livro de sonetos: 1957/1967*. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Livro de sonetos*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.
- _____. *Para uma menina com uma flor*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- _____. *Para uma menina com uma flor: crônicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
- _____. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. *Poesia completa e prosa*. Nova Aguilar, 2004.
- _____. *Poesia completa e prosa: volume único*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2008.

- _____. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956.
- Obra poética. Rio de Janeiro: José Aguilar, c1968.
- SALOMÃO, Waly. *Algaravias: câmara de ecos*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.
- _____. *Armarinho de miudezas*. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- _____. *Hélio Oiticica: qual é o parangolé?* Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1996.
- _____. *Lábia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Me segura que eu vou dar um troço*. Rio de Janeiro: Aeroplano: Edições Biblioteca Nacional, 2003.
- _____. *Me segura que eu vou dar um troço*. São Paulo. Companhia das letras, 2016.
- _____. *O mel do melhor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. *Poesia total*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Liz Maria Teles de Sá. *Waly Salomão: a fabricação da poesia*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas. 2011
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Nova Reunião – 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BRAGA, Pauliane de Carvalho. *Literatura, comunismo e campesinato: uma leitura de Bernardo Élis*. Dissertação. (Mestrado em história). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Ariano Suassuna*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2000.
- Cadernos de Literatura Brasileira. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Instituto Moreira Salles.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FERRAZ, Eucanaã. *Vinicius de Moraes*. Série Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2006.
- GENETON, Moraes Neto. *Dossiê Drummond*. São Paulo: Globo Editora, 2007.

- GROETAERS, Elenice. *A poética da noite em Vinicius de Moraes*. São Paulo: Scortecci Editora, 2017.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A poesia no poder – entrevista publicada no dia 03 de fevereiro de 2003, no site Portal Literal.
- HOMEM, Wagner; DE LA ROSA, Bruno. *Histórias de canções: Vinicius de Moraes*. São Paulo: Leya, 2013.
- JUNIOR, Arlindo Rebechi. *Waly Salomão: a poesia da inquietação*. Revista Comunicação e Educação. Universidade de São Paulo, 2017.
- MARIA, Luzia de. *Drummond: um olhar amoroso*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- MORAES, Lygia Marina. *Conheça o escritor brasileiro: Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- MORAES, Vinicius de. *O melhor de Vinicius de Moraes*. São Paulo: Companhia das Letras: Folha de S. Paulo, 1994.
- MORAES, Vinicius de; CASTELLO, José. *Livro de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MORAES, Vinicius de; FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Livro de sonetos: 1957/1967*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MORAES, Vinicius de; FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Para uma menina com uma flor: 1966/2009*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MORAES, Vinicius de; FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Para viver um grande amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MORAES, Vinicius de; FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Todo amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NADER, Carlos. *Pan-cinema Permanente*. Documentário. Rio de Janeiro, 2009.

- NEWTON JÚNIOR, Carlos (Org.). *Ariano Suassuna: poemas*. Recife: Editora Universitária, 1999.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (org.). *Ode a Ariano Suassuna: celebrações dos 80 anos do autor da Universidade Federal de Pernambuco*. Recife: Editora UFPE, 2007.
- REGINA, Joana Horst. *Waly Salomão. Do fóssil ao míssil*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- SAID, Roberto. *Quase Biografia: poesia e pensamento em Drummond*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais – Tese de Doutorado, 2007.
- SAID, Roberto. *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*. Curitiba: UFPR; Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- SALOMÃO, Waly. *Poesia total*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Ariano Suassuna: um intelectual a serviço da cultura brasileira*. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. Campinas: São Paulo: Editora Unicamp, 1999.
- SILVA, Judite Maria de Santana. *Waly Salomão: algaravias do pós-tudo*. Recife, 2010. Tese (Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)).
- SOUTO, Miriane Pereira Dayrell. *Navegando nas águas do mito: as múltiplas rotas de Waly Salomão*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Letras. 2013.
- STARLING, Heloisa; BRAGA, Pauliane. *Sentimentos da Terra: imaginação de reforma agrária, imaginação de república*. Belo Horizonte: Proex/UFMG, 2013.

- SUASSUNA, Ariano. *A história de Amor de Fernando e Isaura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- SUASSUNA, Ariano. *Acauhan: a Malhada da Onça*. In: LINS, Juliana; VICTOR, Adriana. *Ariano Suassuna, um perfil biográfico*. Rio de Janeiro: Ed: Jorge Zahar, 2007.
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- SUASSUNA, Ariano. *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- SUSSEKIND, Flora. *Um poeta invade o mundo*. IN: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.
- WALTY, Ivete Lara Camargos, CURY, Maria Zilda. *Drummond: poesia e experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores mineiros em Minas Gerais (1920-1970)*. São Paulo: Companhia das Letras.

SOBRE OS AUTORES

Danilo Araujo Marques

Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória | UFMG e autor do livro *No fio da navalha: historicidade, pós-modernidade e fim da História* (2017).

Heloisa Maria Murgel Starling

Professora Titular-Livre do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenadora do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória | UFMG, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Autora de *Os senhores das Gerais* (1986), *Lembranças do Brasil* (1999), *Uma pátria paratodos: Chico Buarque de Holanda e as raízes do Brasil* (2009) e co-autora de *Brasil: uma biografia* (2015).

José Antônio de Souza Queiroz

Mestrando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória | UFMG.

Maria Cecília Vieira de Carvalho

Mestranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória | UFMG.

Pauliane de Carvalho Braga

Mestra em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, co-organizadora do livro *Sentimentos da terra* (2013) e pesquisadora do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória | UFMG.

SOBRE O PROJETO REPÚBLICA

O Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória foi criado em 2001, está vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais e é coordenado pela professora Heloisa Maria Murgel Starling. Tem como foco principal o período republicano brasileiro, o percurso da história das ideias e dos conceitos no Brasil e o estudo da temática do republicanismo.

A produção do conhecimento gerada no interior do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória está ancorado por duas áreas principais de investigação. A primeira concentra a pesquisa direcionada para a construção de um campo historiográfico interessado em desenvolver e estimular a incorporação de tecnologias interativas sustentadas por linguagens estéticas e artísticas e em veicular matérias de mídia. A segunda área está voltada tanto para o estudo de temporalidades recentes, com ênfase no período que compreende o experimento republicano brasileiro, quanto para a investigação e análise de determinados temas próprios à tópica do republicanismo.

As atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas pelo Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória estão distribuídas em seis principais linhas de investigação que trabalham de maneira integrada para obtenção de resultados. São elas: República, história e imagem; Memórias: resistência e ditadura na República brasileira; Linguagens do republicanismo; Decantando a República: um inventário histórico e político da moderna canção popular brasileira; Sentimento de reforma agrária, sentimento de República.

O Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória possui os certificados UFMG, CNPq, FAPEMIG e conta com uma

equipe de 14 estudantes bolsistas e pesquisadores em níveis acadêmicos distintos – da Iniciação Científica ao Pós-Doutorado. A formação da equipe – incluindo estudantes das áreas de história, geografia, filosofia, ciências sociais e belas artes – indica sua natureza interdisciplinar e de trabalho integrado principalmente no sentido de induzir à inovação, informar, catalisar mudanças e interferir na produção do conhecimento. A equipe é assessorada por um corpo de professores associados ao projeto – também de natureza interdisciplinar –, oriundos da UFMG e de outras instituições universitárias.

SOBRE O SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI)

Criado em 1946, o Serviço Social da Indústria (SESI) tem sido o grande condutor nacional da promoção da qualidade de vida do trabalhador e de seus dependentes, oferecendo educação, saúde e cultura de qualidade para os trabalhadores da indústria brasileira.

Ao aproximar a prática pedagógica dos desafios futuros da indústria e do universo profissional, com uma proposta curricular que prima pelo desenvolvimento humano dos alunos e que investe cada vez mais em ciências aplicadas, matemática e em tecnologias inovadoras, a Rede SESI de Educação vem se destacando fortemente no cenário educacional do país.

O SESI tem como alicerce dar realce ao processo educativo como meio de valorização das pessoas do professor e do aluno. Por meio de diferentes ações desenvolvidas, não apenas os saberes acadêmico-escolares são valorizados, mas todo o conhecimento e aprendizado dos estudantes. O SESI valoriza a experiência dos estudantes que já ingressaram no mercado de trabalho ou aproxima os saberes do mundo do trabalho das crianças, adolescentes e jovens por meio de atividades práticas, oficinas tecnológicas e demais conhecimentos da atualidade.

A Rede SESI de Educação não é um mero espaço de transmissão de conhecimento, mas *locus* da construção social dos sujeitos aprendentes, vivos, ativos que têm sua trajetória de vida valorizada em todas as etapas da Educação Básica. Com a premissa de formar cidadãos críticos e sensíveis para a história e os acontecimentos do Brasil e do mundo, a Rede SESI de Educação visa ao desenvolvimento de um ensino com ênfase na leitura, prática científica e aplicação do conhecimento desenvolvido na escola.

O estudante da Rede SESI de Educação tem na aplicação do conhecimento, na observação do seu contexto sociocultural, na investigação e na pesquisa, estratégias de articulação teórica e prática. Dessa forma, desde o Ensino Fundamental, por meio de diferentes estratégias de atuação – como feiras de ciências, oficinas práticas e atividades esportivas –, o estudante, indagando algo de sua vida prática, desenvolve atividades de pesquisa, orientado pelos professores a buscar, por meio das ciências, responder às questões de seu contexto social.

Assim, a publicação *Poesia e prosa 2: caderno de atividades, resumos, atividades propostas e conceitos* é motivo de muita satisfação para a Entidade, pois contribui para ampliar o conhecimento e despertar o interesse da comunidade escolar pela literatura brasileira – estímulo às práticas leitoras ora desenvolvidas em sala de aula – e fortalece ainda mais o aprendizado escolar.

A obra é mais uma ferramenta de aprendizado para os estudantes da Rede SESI de Educação, pois a escola tem o papel de formar pessoas de forma integral, compostas de razão e emoção. Ou seja, a escola também é um lugar de poesia.



UF *m* G

PROJETO
REPÚBLICA
UFMG


*Iniciativa da CNI - Confederação
Nacional da Indústria*

